



UNISUL

**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
JULIA TASCA ETCHEPARE**

**PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE NATAÇÃO DA GRANDE
FLORIANÓPOLIS SOBRE A UTILIZAÇÃO DE BÓIAS EM CRIANÇAS NA FASE
DE ADAPTAÇÃO AO MEIO LÍQUIDO**

Palhoça
2011

JULIA TASCA ETCHEPARE

**PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE NATAÇÃO DA GRANDE
FLORIANÓPOLIS SOBRE A UTILIZAÇÃO DE BÓIAS EM CRIANÇAS NA FASE
DE ADAPTAÇÃO AO MEIO LÍQUIDO.**

Relatório de Estágio apresentado ao Curso de Educação Física e Esporte da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física e Esporte.

Orientador: Prof. Msc. Carlos Eduardo Ramos de Camargo

Co-orientadora: Msc. Elinai dos Santos Freitas.

Palhoça

2011

JULIA TASCA ETCHEPARE

**PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE NATAÇÃO DA GRANDE
FLORIANÓPOLIS SOBRE A UTILIZAÇÃO DE BÓIAS EM CRIANÇAS NA FASE
DE ADAPTAÇÃO AO MEIO LÍQUIDO.**

Este relatório de Estágio foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em Educação Física e Esporte e aprovado em sua forma final pelo curso de Educação Física e Esporte da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 01 de Julho de 2011.

Prof. e orientador Carlos Eduardo Ramos de Camargo, Msc.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Professora Elinai dos Santos Freitas Schutz, Msc.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Gustavo Ricardo Schutz, Msc.
Universidade do Estado de Santa Catarina.

Dedico este trabalho a Deus, a minha mãe, ao meu pai e meu irmão que sempre apoiaram e me incentivaram em toda minha vida, acreditando na minha capacidade e nos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus e todos os anjinhos da guarda, por estarem sempre comigo nos meus momentos de tristeza, incertezas e ansiedade sempre me guiando para o caminho certo.

A minha mãe Diane, minha amiga, de todos os momentos, até mesmo de madrugada sempre estar ao meu lado, não deixando desistir dos meus objetivos e sempre acreditando no meu potencial, principalmente pela oportunidade de estudo, o que me fez crescer como pessoa e por sempre acreditar no meu sucesso. Sem a sua ajuda este trabalho não teria sido possível.

Ao meu pai Osvaldo, que se não fosse por ele hoje não estaria concretizando este sonho, principalmente pela oportunidade de estudo, o que me fez crescer como pessoa, por sempre acreditar no meu sucesso, pelos seus puxões de orelha na ortografia, mesmo às vezes ocupado ou às vezes longe sempre procurou estar ao meu lado.

Ao meu irmão Pedro, pelo companheirismo e preocupação em todos os momentos da minha vida.

Aos meus avôs Irmã Vitória (in memorian), Domingos Tasca (in memorian), Julia Etchepare (in memorian) e Osvaldo Etchepare (in memorian) e minha madrinha Diva Tasca (in memorian) aonde quer que estejam sei que sempre estarão me guiando.

E a toda a minha família que de alguma forma estavam presentes, dando todo o seu apoio e amor.

Ao meu namorado e amigo Vinicius que teve toda paciência do mundo, pela compreensão, carinho e incentivo sempre me ajudando e confortando em qualquer situação.

Ao Prof. Carlos Eduardo Camargo não só pelo seu suporte acadêmico, mas pelos ensinamentos sábios para a minha vida, um exemplo de pessoa. Por sua amizade, confiança desde o início de minha vida acadêmica sempre dando seu grande apoio que foram principalmente a base para eu chegar até ao final deste trabalho.

A profesora Elinai Freitas, por sua constante ajuda em todos os momentos necessários, por sempre estar disponível, pelo grande incentivo a minha pesquisa nunca me deixando desistir da mesma.

Aos professores que se fizeram presentes nesta etapa da minha vida, contribuindo para que fosse possível a concretização dos meus objetivos.

À coordenadoras do Curso de Educação Física e Esportes, Prof. Msc. Vanessa Françalacci, e Maria Letícia Pinto pela constante ajuda em todos os momentos necessários.

A minha amiga Valquiria Dian, que com esse tempo de convivência deixou de ser de colega para ser uma grande amiga, sempre me ajudando, compreendendo nas melhores horas.

Aos meus amigos por estarem me escutando reclamar que eu não agüentava mais hehehe, compreendendo minha ausência por motivo de estudo, pois os mesmos já passaram pela mesma situação.

As minhas supervisoras de estágio Andressa e Juliana, por todos os ensinamentos nesta fase que serão levados para o resto de minha vida.

Aos participantes deste estudo, pois graça a eles foi possível realizar este trabalho.

O meu muito OBRIGADA a todos!

“É uma das grandes ironias da mãe natureza, que o homem tenha passado os primeiros nove meses de sua existência envolto em água, e o resto de sua existência com medo inerente da submersão” (Szpilman, 2000).

RESUMO

Desde o nascimento, o bebê tem seus reflexos no meio líquido por lembrar sua existência durante a gestação. A natação é descrita como uma das melhores atividades físicas capazes de realizar um bom desenvolvimento motor e psicomotor da criança. Este estudo teve como objetivo investigar a percepção dos professores da grande Florianópolis sobre a utilização de bóias em crianças na fase de adaptação ao meio líquido. Os participantes deste estudo foram 10 professores de natação atuantes no processo ensino-aprendizagem de crianças. O instrumento utilizado foi um questionário criado e validado para o proposto estudo, através dos resultados desta pesquisa observou-se que a maioria dos profissionais são experientes, trabalham a mais de dez anos nas instituições da Grande Florianópolis, e não utilizam bóias em suas aulas de natação. Os profissionais usam em suas atividades de ensino outros materiais, tais como as plataformas de redução de profundidade, como material de segurança e locomoção, facilitando a adaptação ao meio líquido. Na percepção dos professores entrevistados, as bóias causam alguns vícios; como insegurança, dificuldade de mergulhar; movimentos dos membros superiores e inferiores descoordenados; falta de autoconfiança e principalmente a péssima flutuabilidade, que segundo os professores são levados para as fases seguintes do aprendizado. Quanto às vantagens e desvantagens com relação à utilização de bóias, a grande maioria observou como desvantajoso o uso das mesmas, sendo que a única vantagem relatada pelos professores e alguns indecisos sobre a sua utilização, seria que a bóia traz segurança tanto ao aluno como ao professor.

Palavra—chaves: natação, ensino, crianças e bóias.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Tempo de atuação na área das atividades aquáticas.....	39
Gráfico 02 – Estrutura Física e Materiais.....	40
Gráfico 03 – Alunos matriculados e Professores.....	41
Gráfico 04 – Divisão das turmas de natação.....	42
Gráfico 05 – Média de idade aproximada dos alunos.....	43
Gráfico 06 – Piscina.....	44
Gráfico 07 – Materiais utilizados.....	45
Gráfico 08 – Utilização de bóias.....	46
Gráfico 09 – Aprendizado.....	47
Gráfico 10–Segurança.....	49
Gráfico 11- Percepção dos professores em relação ao comportamento dos pais com relação ao uso ou não das bóias.....	50
Gráfico 12-Vícios adquiridos.....	51
Gráfico 13-Vícios gerados.....	52
Gráfico 14-Aprendizado sem o uso das bóias.....	53
Gráfico 15- Execução dos movimentos.....	54
Gráfico 16- Utilização de bóias em diversos aspectos.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA.....	11
1.2 OBJETIVOS.....	13
1.2.1 Objetivo Geral.....	13
1.2.2 Objetivos Específicos.....	13
1.3 JUSTIFICATIVA.....	13
2 REVISÃO DE LITERATURA....	16
2.1 NATAÇÃO.....	16
2.2 DESENVOLVIMENTO MOTOR E PSICOMOTOR AQUÁTICO NA INFÂNCIA.....	18
2.2.1 Medo e Segurança.....	22
2.3 ADAPTAÇÃO AO MEIO LÍQUIDO.....	25
2.3.1 Aspectos pedagógicos no ensino da natação	28
2.4 UTILIZAÇÃO DAS BOIAS.....	27
2.4.1 Vantagens das bóias	33
2.4.2 Desvantagens das bóias	24
3 MÉTODO	36
3.1 TIPO DE PESQUISA	36
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	36
3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	37
3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	37
3.5 ANÁLISE DE DADOS	38
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	39
5. CONCLUSÕES E SUGESTÕES	56
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	65

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA

Para o ser humano o meio líquido não é um meio desconhecido. Marcon (2002) cita que, desde o princípio da vida, durante a gestação, o feto fica envolvido pelo líquido amniótico, que lhe possibilita perceber o mundo ao seu redor, proporcionando-lhe calor e proteção, além de nutrientes necessários para o seu desenvolvimento.

O primeiro contato do ser humano com a água, que, é o seu primeiro contato com a própria vida, pode facilitar a sua futura adaptação aquática relacionada à natação. McGraw (1939) constatou que ao nascerem, os bebês podem apresentar movimentos coordenados de braços e pernas para se deslocar, desde que eles sejam colocados na posição de decúbito ventral na água.

A respiração, nos primeiros meses de vida, é muito eficiente, pois os bebês podem ficar períodos prolongados submersos sem ingerir água. (MCGRAW, 1939).

Mansoldo (1986) salienta a importância da natação, dizendo que nos dias de hoje, a natação é vista como um elemento de múltiplos desenvolvimentos como: educação, disciplina, segurança própria, destreza, saúde e recreação.

A natação é a atividade física mais completa que existe: é a harmonia, a flexibilidade, a potência, o ritmo, a coordenação, em resumo, o mais perfeito complexo de movimentos em série, a mais bela demonstração das capacidades móveis do homem (IBIDEM, 1989).

A prática dessa atividade é oferecida a todas as faixas etárias, incluindo-se aí desde os bebês, pessoas com deficiência até idosos. Muitos pais matriculam seus filhos ainda pequenos em programas de adaptação ao meio líquido, esperando que com isso os mesmos aprendam a nadar e proteção do filho nas águas. Mas o que muitos não têm em mente é que os benefícios de um programa de natação infantil vão muito além do saber nadar (VENDITTI; SANTIAGO, 2006).

Na criança, a natação propicia um desenvolvimento ótimo das funções orgânicas. É aceito de forma geral que a atividade física é essencial para o crescimento normal da criança (DE ROSE JR, 2002).

A prática dessa atividade é oferecida a todas as faixas etárias, incluindo-se aí desde os bebês, pessoas com deficiência até idosos. Muitos pais matriculam seus filhos ainda pequenos em programas de adaptação ao meio líquido, esperando que com isso os mesmos aprendam a nadar e proteção do filho nas águas. Mas o que muitos não têm em mente é que os benefícios de um programa de natação infantil vão muito além do saber nadar (VENDITTI; SANTIAGO, 2006).

Na natação infantil é um instrumento eficiente de aplicação da Educação Física no ser humano. Também é possível afirmar, no que diz respeito, por exemplo, ao desenvolvimento motor, sua decisiva participação na construção do esquema corporal e seu papel integrador no processo de maturação (DAMASCENO 1995).

O profissional de Educação Física ao trabalhar na educação infantil deve conhecer os estágios do desenvolvimento das fases motoras para proporcionar os estímulos adequados a cada etapa. (CENTRO DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, 2010)

O ensino da natação ou das atividades aquáticas apoia-se em conceitos amplos que contemplam: a adaptação total ao meio líquido a partir da percepção da ação da água sobre seu o corpo e da ação do corpo sobre a água em diferentes posições e posturas, enfatizando-se a diversidade com relação à utilização dos materiais, aos espaços e às profundidades do ambiente aquático, bem como à integração entre outros alunos, mesmo que de níveis de aprendizados diferentes (BURKHARDT E ESCOBAR, 1985; FREUDENHEIM, GAMA E CARRACEDO, 1995; SCHIMITT, 1995).

Segundo Machado (1978) a pedagogia moderna divide o aprendizado da natação em etapas: adaptação ao meio líquido; flutuação; respiração; propulsão e mergulho elementar.

A fase de adaptação ao meio líquido na natação é uma das fases de aprendizagem, em que deve ser feito um processo de domínio do corpo na água, possibilitando novas experiências, sensações; de modo com que o indivíduo perca seus medos, receios, vergonhas e se ambientalize da melhor forma possível ao novo meio (CAMPANIÇO, 1989; SPORTMIL, 2008).

A partir destas considerações, pergunta-se: qual a percepção dos professores da Grande Florianópolis sobre a utilização de bóias em crianças na fase de adaptação ao meio líquido?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar a percepção dos professores de natação da Grande Florianópolis sobre a utilização de bóias em crianças na fase de adaptação ao meio líquido.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar nas escolas de natação o emprego metodológico das bóias;
- Apontar a estrutura física e os materiais utilizados pelas academias;
- Verificar se o uso ou não das bóias é instrumento adotado pelo profissional ou segue orientação pedagógica da academia;
- Listar as observações dos profissionais sobre as vantagens e desvantagens da utilização de bóias, e as possíveis dificuldades oriundas da utilização das bóias para prática futura do indivíduo;
- Apontar os aspectos determinantes de segurança que interfere na escolha da utilização ou não das bóias, e os possíveis vícios advindos da utilização de bóias;

1.3 JUSTIFICATIVA

A natação é um dos esportes integrantes de nossa cultura corporal que tem sido muito difundido no Brasil nos dias atuais. Desta forma, ocorreu aumento nos índices de pessoas que buscam praticar esta atividade (BARBOSA, 2010).

Sabe-se que a natação propicia inúmeros benefícios para o desenvolvimento psicomotor da criança, e que estes benefícios irão refletir positivamente na fase adulta proporcionando mais segurança e equilíbrio (JUNIOR; SANTIAGO, 2006).

Na visão de Keberj (2002) a natação é diferente dos quatro estilos (costas, peito, borboleta e crawl). Ela deve ser muito mais que isso, valorizando a adaptação, aprendizagem, aperfeiçoamento e treinamento; de diferentes formas de ação corporal, aproveitando as propriedades da água e os benefícios que esta proporciona ao ser humano. Assumindo esta concepção, entende-se que a prática da natação deve ser considerada englobando em sua prática desde o bebê até o idoso; a pessoa com deficiência; a pessoa em processo de reabilitação e a gestante.

Para Krebs, Vieira e Vieira (2005) a iniciação esportiva deve permitir exploração de movimento e aprendizagem perceptivo-motora. Isto significa que o professor deve dar oportunidade para o aluno explorar o ambiente aquático e diferentes formas de movimentação que seu corpo pode realizar dentro dele, que além de estimular o indivíduo a não realizar os movimentos preocupando-se apenas com a técnica, mas sim, valorizando a percepção dos seus movimentos dentro da água e da sensação que a água provoca em seu corpo.

Para Damasceno (1992, p. 20) “a integração do homem ao meio líquido [...] têm-no levado a criar constantemente novas formas de se locomover na água”. Assim, propostas de ensino, metodologia foram surgindo.

Por muitos anos, o mundo da natação tem estado dividido sobre o uso de materiais auxiliares artificiais durante o ensino da natação. A argumentação sobre se os materiais são bons ou ruins irá, sem dúvida, continuar por muitos anos. (PALMER, 1990). Os romanos já adotavam os cintos de junco, tubos cheios de ar e cintos de cortiça para auxiliar quem estava aprendendo a nadar (SANTOS 1996).

De acordo Catteau e Garrof (1988), a utilização dos materiais, com especial ênfase para aqueles que auxiliam a flutuação deveria ser evitado. Para alguns pesquisadores, os mais radicais, a utilização desses materiais, seria condenável, pois atrasam o processo de conscientização da impulsão e da flutuabilidade. Assim, estes autores sugerem um ensino onde o aluno desde o início deverá procurar resolver por si mesmo os problemas fundamentais do equilíbrio.

Por outro lado Palmer (1990) cita que a vantagem dos materiais auxiliares artificiais é dar mobilidade e liberdade imediata na água. Quando o iniciante não precisa estar com medo de afundar, sua atenção pode estar voltada para a aprendizagem da natação.

Autores como Langendorfer e Bruya, (1995), Navarro (1995), Moreno e Sanmartín (1998), Barbosa e Queirós (2000), defendem ainda a utilização de

materiais auxiliares, com a ressalva de que a sua utilização excessiva e abusiva criará nos alunos dependências, tornando mais complexo, posteriormente, o processo da sua abolição (NAVARRO, 1995; BARBOSA E QUEIRÓS, 2000).

A escolha do tema ocorreu pelos poucos estudos aprofundados sobre a utilização das bóias nas aulas de natação; atividade diária, no cotidiano das instituições. O presente trabalho de pesquisa disponibilizará a oportunidade acadêmica de relacionar os estudos da natação, com a prática dos profissionais que atuam na Grande Florianópolis, relacionando as aulas de estágio supervisionado, buscando contextualizar teoria e a prática.

Entre os benefícios esperados com o desenvolvimento deste estudo espera-se que os resultados obtidos sobre os métodos de adaptação, incluindo a utilização de bóias ou não, praticados nas instituições, ajudem a ampliar o conhecimento junto à comunidade acadêmica na formação de profissionais, que possam se utilizar do conhecimento proporcionado por este trabalho no ensino da natação, beneficiando a sociedade.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 NATAÇÃO

A natação é uma atividade praticada em meio líquido verdadeiramente antiga, não pode-se especificar ao certo a data em que o homem começou a se dedicar á natação. Segundo Catteau & Garoff (1990) a origem se confunde com a da própria humanidade, referindo-se à necessidade de sua prática para subsistência e sobrevivência.

O homem aprendeu a usar a sua autopropulsão na água por instinto e observando os animais (BONACELLI; MOREIRA, 2004). A pesca, a utilização da água para beber, e para a fazeres higiênicos como banho ou lavagem de instrumentos, a criação de pequenas embarcações fez com que o homem por necessidade entrasse na água e dominasse seu corpo. Estes fatores foram fundamentais para o homem perceber que teria que aprender a sobreviver no meio aquático (SANTOS, 1996).

Os romanos, por volta de 310 a.C já tinham o hábito de nadar nos lagos e rios, mas foi durante o Período Romano (27 a.C. a 476 d.C.) que surgiram as piscinas dentro das termas. Na Grécia, na mesma época, as piscinas se localizavam dentro dos ginásios e, conta à história que os povos germanos mergulhavam seus filhos em águas geladas para que os mesmos ganhassem resistência (BONACELLI; MOREIRA, 2004).

O ensino da natação possibilita o indivíduo através da água adquirir novas vivências, novas capacidades de adaptação. Dentro do aprendizado da natação, esta se divide nas seguintes etapas: ambientação/familiarização, respiração, flutuação, deslize, mergulho/entradas na água; e, antes de tudo a adaptação ao meio líquido, que é muito importante para ajudar o indivíduo a se familiarizar e desenvolver dentro do ambiente aquático (FAUSTINO, 1999).

As crianças já possuem ao nascer várias capacidades e experiências corporais, e com isso a natação vem auxiliar, por meio de estímulos, um desenvolvimento harmonioso desses reflexos desde os movimentos mais simples aos mais elaborados (DEPELSENER, 1989).

Palmer (1990) cita que a primeira atividade a ser ensinada na piscina é a sobrevivência, visto que a água é um meio estranho. Ou seja, identificar o nadar como a locomoção com segurança dentro do meio líquido, a partir de diferentes formas.

A natação é uma excelente ferramenta para o melhor desenvolvimento da criança, é importante no desenvolvimento do corpo e como meio de defesa contra afogamento (CORRÊA; MASSAUD, 1999). Complementando esta idéia, Velasco (1995), afirma que a atividade na água traz segurança, recreação, mais independência, mais espontaneidade, melhoria do reflexo (resposta a estímulos), profilaxia contra resfriados, mais confiança nos relacionamentos, desenvolvimento físico e psíquico, objetivando formar cidadãos saudáveis e hábeis mentalmente.

No que se refere ao desenvolvimento as vantagens ocorrem porque a criança, principalmente em seus primeiros anos de vida, passa por um processo intenso de desenvolvimento e maturação. Até os cinco anos de idade, ela tem a capacidade de ter 90% do seu cérebro preparado para o futuro. Todos esses desenvolvimentos podem ser auxiliados e estimulados com a natação (FONSECA, 1995).

Conforme Damasceno (1992) a natação também se apresenta como um esporte ideal por excelência, não só pelo fato de poder ser praticada por qualquer pessoa sem distinções de idade e sexo, mas também por seu valor formativo e totalizador. Sua prática regular e continuada desenvolve simultaneamente com maior ou menor intensidade, todas as partes do corpo, atuando em sua totalidade, para um desenvolvimento saudável.

Muitas pessoas buscam-na como ocupação do tempo livre, por ser atividade que proporciona bom desenvolvimento das capacidades físicas e atenuação do estresse, enquanto outros almejam a competição e alto rendimento, sobretudo as crianças que, muitas vezes, são incentivadas por seus ídolos, sonhando um dia ser campeões (FAUSTINO, 1999).

1.2 DESENVOLVIMENTO MOTOR E PSICOMOTOR AQUÁTICO NA INFÂNCIA

Desenvolvimento humano é um processo permanente que se inicia na concepção e cessa somente com a morte (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Desde o nascimento o bebê já possui seus reflexos e respostas motoras no meio líquido e que pode também passar por mudanças em sua organização ao longo da primeira infância. O nível e a habilidade de nadar dependem do grau de desenvolvimento das habilidades básicas de estabilidade postural (XAVIER FILHO; MANOEL, 2002).

Essas habilidades fazem parte do desenvolvimento motor, que se caracteriza por mudanças contínuas, ao longo da vida, em três classes gerais do comportamento: orientação ou controle postural, locomoção e manipulação (XAVIER FILHO; MANOEL, 2002).

A natação age como um pré-estímulo motor, pois, antes mesmo da criança tentar deslocar-se fora da água, já o consegue dentro da água, porque ela fica muito leve, conseguindo, assim, executar movimentos que muitas vezes não consegue fora da água (ZULIETTI; SOUSA, 2002).

É necessário que a criança esteja envolvida constantemente em diferentes atividades em diversos ambientes, possibilitando a ela acumular experiências em diferentes situações (IDORN, 1979).

No entanto, o desenvolvimento das habilidades motoras quer no meio terrestre, quer no meio aquático, é resultado das contínuas interações entre determinados fatores genéticos e as experiências prévias do sujeito com o meio envolvente (MORENO; SANMARTÍN, 1998).

Complementando Xavier Filho e Manoel (2002) citam que o desenvolvimento depende de como a interação do indivíduo se estabelece com os contextos físico e social. As heranças genética e cultural agem de forma poderosa, gerando vínculos que levam a um desenvolvimento característico da espécie. Ao mesmo tempo, o histórico de relações entre indivíduo e contexto molda o trajeto desenvolvimentista do mesmo, de modo a acomodar as contingências de um dado ambiente ou cultura .

Com base nas observações sobre o desenvolvimento motor aquático de crianças na primeira infância, Langendorfer & Bruya (1995) sugerem que as alterações motoras ocorridas nos componentes ações do braço, ação da perna e posição do

corpo seriam suficientes para definir estágios ou padrões de desenvolvimento motor aquático.

Autores procuravam explicações para a gênese do comportamento motor aquático em bebês e crianças. Watson (1919) defendia que essa aquisição seria condicionada pelo ambiente, enquanto McGraw (1939) atribuía essa aquisição a processos endógenos (maturação) do organismo.

A automaticidade com que esses movimentos eram efetuados levou McGraw (1939) a denominá-los de reflexo de nadar, são movimentos de braços e pernas com certo caráter rítmico.

Os reflexos têm importância vital no desenvolvimento infantil. Através deles, há uma estimulação do sistema nervoso central, dos músculos e de uma conduta de sobrevivência, além de ter se tornado ferramenta de diagnóstico para avaliar maturidade neurológica (CATTEUAU; GAROFF, 1988).

Através dos reflexos, pode-se ver mecanismos instintivos de sobrevivência do ser humano como a busca do alimento (rooting reflex e reflexo de sucção) e a auto proteção (reflexo de moro, reflexo palmar). Estes são os reflexos primitivos, que são, em teoria, suprimidos à medida que há maturação do sistema nervoso (CATTEUAU; GAROFF, 1988).

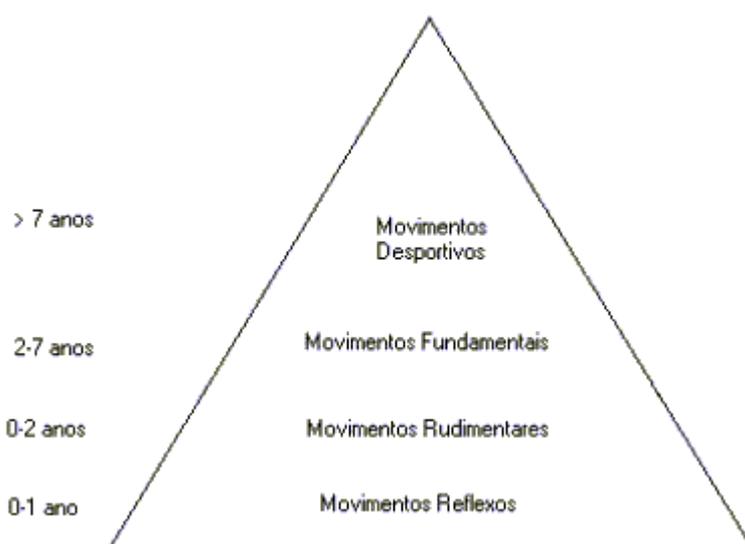


Figura 1: Modelo de desenvolvimento das habilidades motoras (GALLAHUE, 1982).

Com o modelo de desenvolvimento de Gallahue (1982) sintetiza os primeiros movimentos como reflexos (0-1ano) na base da pirâmide como características dos recém nascidos, depois movimentos rudimentares (0-2 anos), em seguida vem os

movimentos fundamentais (2-7 anos) e no topo da pirâmide vem os movimentos desportivos que iniciam aos 7 anos.

Gallahue (1982) cita que a primeira fase dos movimentos, é o reflexo, a qual durará desde o nascimento até ao primeiro ano de idade. Esta fase é caracterizada pelas manifestações motoras da criança traduzir-se, essencialmente, por respostas reflexas a vários estímulos sensoriais.

Papalia e Olds (2000) citam que a partir dos 6 ao 8 mês, o bebe começa a deixar de ter comportamentos involuntários para ter comportamentos voluntários, é nessa fase que a criança se desenvolve na natação conforme sua maturidade e capacidade.

Com o desenvolvimento, entre 1 e 2 anos, a criança incorpora habilidades motoras primárias que vão permitir que ele execute movimentos cada vez mais complexos (RODRIGUEZ, 2001). A partir desta idade, os movimentos rudimentares darão lugar aos movimentos fundamentais, isto é, correr, saltar, lançar, agarrar, etc (GALLAHUE, 1982).

Entre os 2 e 3 anos a dependência da criança em relação ao adulto diminui. Nesta fase a linguagem da criança se enriquece bastante, aumentando o vocabulário e melhorando a compreensão da linguagem do adulto (GALLAHUE, 1982).

Mansoldo (1986) traz em seu trabalho caracterizações quanto à idade em relação as habilidades da natação, dentre elas, são as crianças de 3 a 6 anos. O autor relata que as crianças de 3 anos já conseguem andar de triciclo, onde o movimento é semelhante à perna do crawl.

As crianças de 4 anos tem uma melhor independência da musculatura e melhor ritmo que as de 3 anos, supondo uma melhoria do batimento de perna do crawl, aperfeiçoamento da fala e mecanismos fisiológicos de movimentos voluntários (MANSOLDO, 1986)

Relacionada à outra investigação esta idade, considerando a idade ideal para o início de um programa de atividades aquáticas, Parker & Blanksby (1997) procuraram identificar o tempo necessário para a aquisição de habilidades locomotoras aquáticas básicas em diferentes estágios. Os resultados encontrados mostraram que crianças, a partir dos quatro anos de idade, demonstram condições de adquirir confiança e domínio de padrões motores básicos, isto é, a experiência

aquática deu oportunidade para que os padrões de estabilidade e locomoção, típicos da espécie, fossem adquiridos (PARKER & BLANKSBY, 1997).

Já as crianças de 5 anos, são mais ágeis, têm um melhor controle das atividades corporais gerais em relação as de 4 anos, melhorando sua coordenação fina. As crianças de 6 anos são mais ativas e conseguem ter uma grande evolução da coordenação (MANSOLDO, 1986).

Gallahue e Ozmun (2003), dizem que o desenvolvimento é relacionado à idade, mas não depende dela, pois, o momento de desenvolvimento de um indivíduo, muitas vezes não é compatível com a maioria.

A idade é um dado, a qual características semelhantes do desenvolvimento podem ser observadas, porém não deve ser analisado como um recurso rígido e inflexível, já que muitos outros fatores devem ser analisados e levados em consideração (GALLAHUE; OZMUN, 2003).

Porém, mesmo estando às crianças em uma ótima fase para desenvolver a atividade corporal, é muito importante que o professor tenha a sensibilidade de observar a individualidade e necessidade de cada aluno no processo de ensino, para não tornar a atividade um fator negativo na vida da criança, quando, estes fatores não são levados em consideração. (MAKARENKO, 2001).

A natação, baseada no conceito da psicomotricidade humana, deve-se dirigir a uma formação em que a racionalização do movimento não iniba a criatividade, a espontaneidade, a liberdade do movimento e sua significação e sentido (ARAUJO JR, 1993).

Segundo Barbosa (2010), no meio líquido podem ser explorados alguns estímulos psicomotores sendo eles: desenvolver com harmonia suas habilidades motoras através de movimentos e formas lúdicas, estimular sua coordenação fina e grossa, através dos movimentos e materiais específicos, estimular a percepção dos cinco sentidos: tato, audição, visão, olfato e paladar, despertar e sentir diversas sensações através dos movimentos.

Exercitar o equilíbrio, vivenciando diversas posturas aquáticas, proporcionar a motivação na água, para deslocamentos, desenvolver a noção espacial e lateralidade através dos mergulhos, giros, saltos etc. Exercitar seus movimentos espontâneos; vivenciar diferentes sinais gestuais e verbais, promover o desenvolvimento sensório-motor e da inteligência. (BARBOSA, 2010)

Os padrões de movimentos no desenvolvimento motor infantil mudam consideravelmente nos primeiros 12 anos. Com isso, fica evidente a necessidade de receber variabilidade de estímulos na aquisição de comportamentos individuais. (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Assim, se o processo de desenvolvimento motor aquático não for estimulado e realizado, provavelmente o iniciante enfrentará dificuldades para combinar habilidades de forma eficiente e, conseqüentemente, a aquisição de habilidades mais complexas será prejudicada. De forma que a prática de habilidades básicas facilita, de alguma forma, a aprendizagem, ou seja, quanto mais praticar essas habilidades, mais fáceis se torna o desempenho das tarefas específicas (XAVIER FILHO; MANOEL, 2002).

Vale ressaltar que segundo Corrêa & Massaud (1989) na criança, um dos principais objetivos para que se consiga um desenvolvimento em busca de saúde e equilíbrio, através de ações lúdicas, prazerosas, com objetivos claros, dentro sua capacidade psicomotora.

Segundo De Rose Jr (2002), as funções orgânicas estão em constantes modificações e o exercício provoca na criança modificações no desenvolvimento orgânico, podendo favorecer ou prejudicar esse desenvolvimento. Makarenko (2001) trás dados científicos referentes à fisiologia evolutiva informando que uma atividade com uma orientação correta, contribui para o desenvolvimento das capacidades e atua na determinação da individualidade de cada criança, ou seja, estimulando para um bom desenvolvimento do organismo que passa por muitas alterações durante o desenvolvimento e crescimento.

2.2.1 Medo e Segurança

Segundo Catteau e Garoff (1988) se existe uma área na qual a ênfase tenha sido sempre colocada sobre as emoções é certamente a natação. Uma delas em particular, o medo tem sido objeto de observações. A pedagogia tradicional da natação considera que o medo, acompanha necessariamente o primeiro ou os primeiros contatos do aprendiz da natação com a água (CATTEUAU; GAROFF, 1988).

Parece que insufla-se esta inserção ao educado, a criança tem medo por ser principiante. O principiante tem medo porque é principiante, como se isso estivesse na sua natureza e falamos de uma “fobia da água” não apenas como de uma evidência, mas também de uma generalidade (CATTEUAU; GAROFF, 1988).

Neste sentido Ferreira (2007) cita que normalmente as aulas de natação são ministradas junto com os pais na piscina até os três anos de idade, ou ainda, até que os bebês se acostumem com o professor. Desta forma, as crianças têm condições de aprender com segurança, confiança, transformando o medo do desconhecido em um ambiente alegre e prazeroso. É a inteligência emocional que através de atividades específicas, faz uma aproximação entre todos os bebês, seus familiares e o professor. Este contato é de extrema importância para o desenvolvimento sócio-afetivo, já que se sabe que o controle emocional é basicamente formado aos dois anos de idade (FERREIRA, 2007).

Mais comumente, as inibições podem-se ligar às conseqüências desagradáveis de uma atividade anterior e pode-se diferenciar: o estado ligado á lembrança de uma experiência infeliz vivida fisicamente, o estado ligado a uma experiência infeliz da qual o individuo perdeu a lembrança, mas que deixou traços subconscientes e o estado ligado a uma “experiência” não vivida fisicamente, mas formada por referências verbais, pela atitude dos próximos que, conscientemente ou não, associam toda relação com a água a uma passagem inevitavelmente catastrófica. (CATTEUAU; GAROFF, 1988).

Apesar de a água ser propícia ao relaxamento e aos processos de aprendizagem, como cita Palmer (1990), algumas crianças possuem medo da piscina, muitas vezes por algum trauma provocado por acidentes, ou simplesmente pela falta de seu contato físico, sentindo um domínio da água sobre ela (a criança).

Pode-se afirmar com segurança que salvo algum distúrbio, todo bebê tem um atrativo natural pela água. O sentimento de medo ou insegurança apresentados na água, não raro, são reações que o bebê adquiriu da própria mãe e/ou pai e provavelmente, ele reage desta maneira também fora da água. A criança até um ano de idade desconhece o significado do perigo (FONTANELLI; FONTANELLI, 1985; PETRIA, 1992).

Devido ao forte vínculo que a criança tem (principalmente as menores), especialmente com a mãe, quando separada, muitas vezes, ao iniciar as aulas, estranha. O professor e os colegas são pessoas desconhecidas, não trazendo

confiança por serem pessoas alheias a seu grupo de interação social; o lugar, por ser um ambiente novo; a piscina, da qual muitas vezes sente medo pelos mistérios que o meio aquático pode provocar; então cabe ao profissional transmitir segurança e proporcionar descontração para um início positivo (PALMER, 1990).

Para se evitar o medo e a insegurança, é necessário que se tenha um longo período de explicações, planejamento e um conhecimento sobre os indivíduos e as manifestações que estas poderão ter com o contato ao meio aquático, e muita paciência, pois esta é fase muito delicada, em que há um ajustamento físico e mental em relação ao meio (BARTELL, 2001).

Nesse processo, o fator tempo é muito importante e deve ser respeitados por professores, pais, amigos. (SPORTMIL, 2008).

Uma das maiores dificuldades encontradas pelos indivíduos nos primeiros contatos com a água, é o medo de afundar, em não conseguir se levantar, em não encontrar o chão, porém se consegue flutuar, após várias imersões, em que se pode perceber que afundando e controlando a velocidade da expiração, a água lança o corpo para a superfície, facilitando dessa forma, a flutuação (BROUGÈRE, 1998).

Sobre isso, Palmer (1990) afirma que por se tratar de atividade com excessivo componente psicológico, que envolve medo e ansiedade, o profissional com bom senso conseguirá um equilíbrio entre as aspirações individuais e as necessidades de socialização de seu público.

Algumas crianças são mais soltas e tranquilas em relação à piscina, com isso conseguem rapidamente se envolver e descobrem rapidamente o mundo novo e divertido que é debaixo da água (PALMER, 1990).

Assim, tanto para aquelas que têm maiores dificuldades quanto para aquela que possui maior facilidade na aprendizagem, acrescentar elementos lúdicos é muito importante para tornar as aulas motivantes e agradáveis adequando-as à faixa etária. (PALMER, 1990).

Por isso, deve-se envolver as crianças em um ambiente de brincadeiras, mostrando-lhe que a natação é algo divertido, dando-lhe total segurança até que, ficando mais calma, usufrui do momento sem se sentir dominada e acuada pela água. Assim, torna-se viável propor algumas atividades pelas quais poderá perceber aos poucos que vai adquirindo um melhor domínio sobre o local em que se encontra submerso, desenvolvendo sua autonomia na água. (PALMER, 1990).

Segundo Pereira (1999), o aluno, por estar envolvido com a atividade lúdica, não ficará preocupado com os receios e os traumas que o meio líquido pode representar e, dessa forma, desenvolve-se e interage com o novo ambiente.

A tensão muscular também pode ser de origem psicológica. O medo do ambiente aquático também pode resultar em impulsos motores eferentes, sendo transmitidos do cérebro para os músculos, causando contrações das fibras e cansaço prematuro (PALMER, 1990). Vale ressaltar que o medo da água tanto pode estar relacionado com experiências negativas anteriores (ABADIA et al.,1998), quanto pode ser desenvolvido sem associação com fatores passados (POULTON et al.,1999). Dos 18 a 24 meses o relacionamento com o meio ambiente é concretizado nesse período aparecendo os primeiros sinais de medo (ZULIETTI; SOUSA, 2002).

De acordo com Palmer (1990) também aos 5 - 6 anos são os grandes espaços que desencadeiam na criança uma situação traduzida por medo. Normalmente assiste-se a situações das crianças procurarem as pequenas piscinas afastando-se das grandes sem terem a noção de nelas haver ou não pé.

Aos 6-12 anos surge o medo pela profundidade em detrimento do medo dos grandes espaços. Começa a ser muitíssimo influenciada pelas opiniões dos mais velhos, que, por qualquer razão, tiveram uma má experiência aquática, transmitindo por palavras, o seu receio que acaba por se instalar na criança. (PALMER, 1990).

2.3 ADAPTAÇÃO AO MEIO LÍQUIDO

A adaptação ao meio aquático inicia-se logo quando o aluno avista a piscina. A primeira fase de adaptação é uma fase de descoberta, ou seja, uma aproximação ao novo meio. O aluno só entrará na piscina quando se sentir seguro, para isso tem que estudar o novo meio a que é proposto. Logo que o aluno entra na água, encara um novo problema que terá de superar, o equilíbrio (LIMA, 1999).

Como já foi referido, o meio aquático tem características diferentes do meio terrestre, provocando desequilíbrios. Deve-se a principio evitar perturbar o menos possível os hábitos de equilíbrio do aluno, para que este não se assuste. Quando sentir-se que o aluno já tem alguma segurança ao nível do equilíbrio, devem-se

solicitar progressivamente os deslocamentos, utilizando o equilíbrio vertical, para que consiga adquirir a noção da resistência que o meio impõe (MACHADO, 1978).

Deve seguir um processo pedagógico elaborado anteriormente de acordo com a experiência aquática de cada indivíduo, geralmente iniciado fora da água, com a adaptação do conviver, apresentação dos materiais que serão utilizados, e uma breve conversa para que se saibam os objetivos do aprendiz com o ensino da natação, para deixá-lo mais à vontade e que também devem ser feitos de forma gradativa, ou seja, do mais fácil para o mais difícil (SPORTMIL, 2008).

A adaptação ao meio líquido é a fase mais importante para a aprendizagem do nadar e depende do ritmo individual do aprendiz que submete-se a estímulos variados a fim de alcançar o domínio do corpo na água. Deve-se respeitar o momento de desenvolvimento do aluno (VELASCO, 1997).

Ao entrar em contato com o meio líquido, o indivíduo começa a experimentar situações que são diferentes do que está acostumado, implicando em mudanças em seu comportamento natural como: respiração, visão, deslocamento, entre outros. (ARAÚJO, 1997)

Para isso, é necessário que o professor consiga transmitir toda a segurança que o aluno requer, despertando o sentimento de agradabilidade em relação à água, vencendo possíveis e prováveis sentimentos de medo, inibições e conseqüentes reflexos de defesa. Como coloca Navarro (1995, p.57): “as experiências desagradáveis podem prejudicar a aprendizagem, é necessário tratar em todo o momento, para que a prática resulte amena e divertida”.

A próxima etapa é a adaptação polissensorial, feita através da boca, nariz, olhos e ouvidos. Depois, vem o processo respiratório no qual a inspiração ocorre fora da água e a expiração ocorre dentro da água. Assim, a imersão na água ocorre facilmente, podendo-se passar para flutuação e sustentação (VELASCO, 1994).

A última etapa é a propulsão de braços e pernas. Quando essas etapas estiverem bem assimiladas passa-se para a aprendizagem dos quatro estilos, crawl, costas, peito e borboleta, que não precisam ser ensinados necessariamente nessa ordem (VELASCO, 1994).

Uma boa adaptação ao meio líquido resultará principalmente da relação indivíduo/água, de como este irá vivenciar esse novo desafio, de seu estado psicológico no momento de enfrentar esse novo obstáculo, porém, por vezes erroneamente esquecido ou ignorado (CAMPANIÇO, 1989).E também pode-se

perceber no indivíduo a capacidade de adquirir: maior autonomia na água; maior facilidade nos deslocamentos; menor resistência ao entrar na água (menor medo); familiarização com os materiais e com os métodos utilizados durante as atividades; maior interação entre alunos - professores (MEZZARROBA, 2008, p.1).

Considerando as dificuldades de adaptação ao meio líquido, Depelseneer (1989) ressalta a importância da familiarização com esse novo meio, para que o aprendiz possa conhecê-lo, senti-lo e encontrar prazer de mover-se nele com uma maior segurança.

Nesse mesmo contexto, Barbosa (2010) destaca a necessidade do iniciante desenvolver o domínio dos fatores relacionados ao equilíbrio, à respiração e à propulsão. Adaptação ao meio líquido: fase preparatória para a aprendizagem seguinte deve propiciar relação de proximidade entre a água e o futuro nadador, fazendo este desejá-la, vê-la e senti-la. (ROHFLS, 1999).

De acordo com Damasceno (1992) as habilidades básicas no meio líquido são respirar, flutuar, deslizar, saltar e submergir. A locomoção em meio líquido já é uma combinação de habilidades, pois implica em: respirar, flutuar e movimentar segmentos do corpo para a propulsão. Coordenar tudo isto é difícil e se a pessoa não sabe bem uma destas habilidades ela tem dificuldades em realizar o movimento como um todo.

É importante salientar, que a adaptação ao meio líquido é a base para outras etapas de ensino da natação, e se esta não for respeitada e bem trabalhada, poderá acarretar em traumas ao indivíduo e, talvez a aversão pela natação (DAMASCENO, 1992).

Como coloca Gomes (1995, p.4): uma pessoa mal orientada terá maiores dificuldades para desenvolver a técnica dos nados, dependerá do ritmo Individual. Não adianta o orientador querer caminhar mais rápido do que o aprendiz. Esta fase é um momento da integração da pessoa com o meio, sendo importante estímulos variados que proporcionem o domínio do corpo na água.

Quando a adaptação é realizada de forma bem sucedida, atuando com a atenção, descontração, segurança e experiência do professor, faz com que o aluno adquira confiança, quebrando assim as barreiras do medo e da insegurança; então ele começa a se soltar e desfrutar do prazer que a água proporciona (SPORTMIL, 2008).Trazendo benefícios, como, a coordenação, o equilíbrio, a agilidade, a força, a velocidade, desenvolve habilidades psicomotoras como a lateralidade, as

percepções tátil, auditiva e visual, as noções espacial, temporal e de ritmo (SOFTRENT, 2008)

Com efeito, o autosalvamento remete-se para a possibilidade da criança se deslocar com "à vontade" no meio aquático, com pouca probabilidade de se afogar. Ou seja, que a criança domine o meio aquático, estando adaptada a este (BARBOSA, 2008).

2.3.1 Aspectos pedagógicos no ensino da natação

O meio líquido tem a possibilidade de oferecer diversas formas de movimento, alguns estudos relatam a importância do contato da criança com este meio (COUNSILMAN, 1984, IDORN, 1979, MACHADO, 1978), mas as propostas de metodologia de ensino muitas vezes não atingem, com eficiência, todos os tipos de pessoas, principalmente crianças em fase de adaptação ao meio líquido.

Catteau & Garoff (1990) citam que o ensino da natação para os militares foi o que inicialmente orientou uma pedagogia da natação.

Xavier Filho e Manoel (2002) argumentam que o profissional deve permitir que a criança, primeiramente, descubra várias formas de locomoção na água, para depois iniciar a aprendizagem dos estilos, pois os movimentos rudimentares das crianças são fundamentais para a futura movimentação eficiente e consistente e complementam que a aplicação dos conhecimentos acerca do desenvolvimento aquático constitui um passo importante para a estruturação de programas com sólida base científica.

A tomada de decisão sobre o que ensinar na natação deverá ser baseado nas fases de desenvolvimento, ao invés de serem orientadas, única e exclusivamente, para a técnica dos quatro estilos formais de nado (XAVIER FILHO; MANOEL, 2002).

Complementando Corrêa e Massaud (1999) consideram que em se tratando de crianças, as aulas não devem atingir somente os objetivos específicos da natação, com a adaptação ao meio líquido e iniciação a aprendizagem dos nados. Devem também atingir todas as potencialidades da criança, compreendendo os domínios afetivos, social, cognitivos e psicomotor.

Os fatores que influenciam a aquisição de habilidades motoras como: motivação, estabelecimentos de metas, estrutura de prática variada, entre outros; são variáveis que podem ser manipuladas pelos professores e naturalmente estão presentes nas brincadeiras (DANTAS; TANI; MANOEL, 2005).

Portanto, é esperada a utilização desta característica como instrumento de ensino, não somente no caso da prática de natação, mas por todos os profissionais que lidam com o ensino de habilidades motoras (DANTAS; TANI; MANOEL, 2005).

O número ideal de alunos por aula é difícil determinar, tendo que se levar em consideração diversos fatores. Os tipos de atividades e objetivos incorporados no plano de aula são fatores determinantes, pois, se tem uma turma infantil, em que brincadeiras, atividades cooperativas e jogos são incluídos ao conteúdo da aula, precisa-se de um número maior de alunos; mas se a ênfase é no desenvolvimento do nado, em seus elementos propulsivos, deve-se estabelecer um espaço agradável e seguro para esta aprendizagem (PALMER, 1990).

E por fim pode-se falar do número de alunos nas aulas, que não pode ser muito alto, pois fica muito difícil para o professor conseguir ensinar e corrigir a execução de todos (BAGGINI, 2008).

Como regra geral, o número ideal para iniciantes e não nadadores é de 6 a 12 alunos, entretanto, quanto menor o número, melhor (PALMER, 1990).

Machado (1978) diz que o número ideal é dez alunos. E Lima (1999) diz mais especificamente, que em piscinas com profundidade maior que a altura dos alunos, para crianças o ideal é três alunos e para adultos o ideal é seis alunos e em piscinas onde a profundidade não é maior que a altura dos alunos, para crianças o ideal é seis alunos e para adultos o ideal é dez alunos (LIMA, 1999).

Têm-se que considerar que esse número pode variar de acordo com o nível de aprendizagem dos alunos da turma e de acordo com o número de professores, visto que algumas turmas têm aproximadamente vinte alunos, porém existe pelo menos dois ou três professores, um para cada nível (BAGGINI, 2008).

Quando os alunos apresentam grandes diferenças de níveis e faixas etárias, o ideal é separá-los em diferentes turmas para facilitar o trabalho do professor e o planejamento das aulas (PALMER, 1990).

A infra-estrutura da academia necessita ser levada em consideração, pois a mesma pode influenciar positivamente ou negativamente na aprendizagem da natação (PIVA, 1999).

A largura, o tamanho e a profundidade da piscina são fatores a serem levados em consideração no planejamento das aulas. Os iniciantes precisam de piscina rasa, com um local que possibilite experiências variadas e que traga confiança aos mesmos. Os alunos (em estágio de aprendizagem da propulsão) necessitam de profundidade para nadar, mas também devem ser capazes de ficar de pé com apoio dos pés para que se sintam mais seguros e confiantes (PALMER, 1990).

Uma piscina muito funda não é favorável à aprendizagem de um indivíduo de baixa estatura, do mesmo modo que uma piscina muito rasa não é favorável à aprendizagem de um indivíduo de alta estatura (BAGGINI, 2008).

Diversificar os exercícios através da utilização de utensílios diversos pode ser uma boa forma de motivação e de facilitação do aprendizado (MANN; GONZALEZ; KLEINPAUL; 2009). Eles podem ser utilizados para alunos de todas as idades com diferentes objetivos (ex.: aprendizagem somente da braçada ou da pernada de algum estilo, treinamento somente de propulsão de pernas ou de braços) (BAGGINI, 2008).

Materiais como pranchas, pés de pato, palmares e espaguete podem servir tanto para facilitar a flutuação quanto para melhorar a propulsão e a percepção do gesto motor correto (MANN; GONZALEZ; KLEINPAUL; 2009).

Na maioria das vezes, são utilizados para a prática parcial dos exercícios (ex.: prancha ou tubo para exercícios de propulsão de pernas, flutuador para exercícios de propulsão de braços), porém alguns podem ser utilizados para a prática global (ex.: palmar ou caneleira para a prática dos estilos completos) (BAGGINI, 2008).

Embora muitas vezes proporcionem benefícios à aprendizagem da natação e possam ser utilizados até mesmo como agentes motivadores, os materiais podem contribuir para um atraso e déficits na aprendizagem, pois o medo, a dificuldade de aprendizado e o uso frequente destes podem resultar em um aluno dependente de materiais, fazendo destas “muletas de nado” (MANN; GONZALEZ; KLEINPAUL; 2009).

Isto acontece em casos como no uso freqüente do pé-de-pato, em que alunos com deficiência na propulsão de pernas fazem do material ferramenta essencial para o desenvolvimento das aulas; no uso da prancha, e a dependência dela para desenvolver um trabalho de pernas; no uso do espaguete e a dependência do mesmo para atividades de flutuação (MANN; GONZALEZ; KLEINPAUL; 2009).

Para que se possa promover uma boa adequação da criança às atividades aquáticas, deve-se fixar no ritmo próprio de cada uma e obedecer ao seu desenvolvimento global, que é diferenciado de outra, em nível mental-cognitivo e sócio-emocional (ZULIETTI; SOUSA, 2010).

O educador precavido não se considerara impotente diante de situações a propósito das quais ele terá prognosticado medo. O conhecimento de seu mecanismo levará freqüentemente a tomar as disposições para que o equilíbrio possa ser antecipado ou preservado durante a execução dos exercícios que em caso de necessidade serão simplificados (CATTEUAU; GAROFF, 1988).

Machado (1978) fala que o medo e a insegurança atrapalham o trabalho do professor e o bom andamento da aula, o que exige que o professor crie uma nova proposta de trabalho, visando a melhor forma de aprendizagem.

Na maioria das vezes, o que se percebe, é a ânsia do professor em alcançar os objetivos da aula, não aguarda até que a interiorização do saber se converta em base para a aprendizagem, atropelando assim as etapas da fase de iniciação (FREIRE, 2004).

Palmer (1990) cita que o professor deve ser firme sem ser exigente e sem desprezar seus alunos, deve encorajar elogiar, brincar, repreendendo gentilmente e criando uma atmosfera leve e agradável, assegurando finalmente que eles queiram voltar outra vez.

Corrêa e Massaud (2004) dizem que os professores devem respeitar o nível de desenvolvimento e maturação das crianças: e o método de ensino é crucial para a permanência delas nas aulas. Os autores ressaltam que uma metodologia autoritária, a especialização precoce e o não desenvolvimento integral das crianças vêm causando muita evasão no esporte. A permanência dessas crianças na natação deve continuar até o fim da vida, para que a saúde seja preservada.

Esses autores complementam Corrêa e Massaud (2004) o professor deve criar situações de desafio e superação e tentar alcançar o objetivo do aluno.

Contudo, cabe ao profissional estimular a criança, despertando seu interesse, em todo tipo de atividade, assim como na natação, favorecendo seu desenvolvimento e mantendo gradualmente seu interesse em prosseguir na atividade, além de propor desafios e ensinar novas habilidades (GALLAHUE; OZMUN 2003).

Importante observar que de acordo com Depelsenner (1989, p. 163) os pais ao matricularem seus filhos na natação têm em sua escolha a confiana na capacidade do profissional, onde afirma que: "Para os pais,   uma escolha de confiana neste ofício e nas capacidades profissionais dos que a praticam".

Segundo Schmidt e Wrisberg (2001) existem duas técnicas diferentes de apresentao das habilidades, instruoes e demonstraoes. As instruoes são verbais e nelas os professores devem dar as principais características da tarefa, sem sobrecarregar e confundir o aluno com tantas informaoes. As demonstraoes são tarefas realizadas pelo professor ou por uma pessoa que saiba executar corretamente e também deve conter as principais características da tarefa, o aluno observa e tenta realizar igualmente, dentro de seus limites. No caso da natao é comum que o professor fique dentro da piscina e demonstre os exercícios de forma completa, realizando-o com todas as partes envolvidas no movimento, porém observa-se um grande número de professores que demonstram somente a parte mais importante do exercício (SCHMIDT;WRISBERG,2001).

As crianas imitam os movimentos que observam, portanto o professor deve ser visual e oralmente correto, para que os alunos entendam perfeitamente o que ele diz e que executem os movimentos corretamente, da forma como observaram (PALMER, 1990).

2.4 UTILIZAO DAS BÓIAS

Registros históricos, desenhos, pinturas e escritos antigos indicam que humanos usavam diversas formas de auxílio para ajudar em suas tentativas aquáticas. Existem desenhos da civilizao egípcia de cerca do ano 3.000 a.C. nadando com auxílios e pinturas dos Assírios de 880 a 650 a.C. usando peles infladas chamadas "mussuks" para cruzar um rio ou lago (WILKE, 1982).

Wilke (1982) menciona que   admirável quanto tempo levou para que os antigos aprendessem a nadar sem o uso de bóias artificiais, ou se eles as mantiveram. A existência de uma escola militar de natao em Roma. Materiais auxiliares mais elaborados eram encontrados entre os romanos e os gregos, como auxílio pedagógico na instruo do domínio aquático (WILKE, 1982).

As primeiras referências a cintos de junco e tubos cheios de ar como acessórios para ajudar a nadar são dadas por escritores e historiadores romanos. “A expressão “nadar sem cortiça” era usada tanto por gregos como por romanos; ela refere-se ao cinto de cortiça, outro acessório para não-nadadores”. (WILKE, 1982).

Em 1798, o alemão Guts Muths insistia no uso de artefatos para a flutuação. Seu método era dividido em três partes: adaptação geral à água, exercícios em seco no banco de natação e exercícios sustentados na água com cinta de natação (FERNANDES; COSTA, 2006).

De Bernardi mudou a visão da pedagogia da natação, voltando seus estudos à flutuação, afirmando que os artefatos utilizados como auxílios na flutuação e no aprendizado dos gestos desestimulavam os aprendizes (FERNANDES; COSTA, 2006).

É notória a ausência de modelos teóricos que dêem sustentação a uma pedagogia da natação. Por exemplo, a insistência na utilização de bóias, cavaletes e tudo mais que facilite a mecânica do nado e auxilie na flutuação não se baseia em nenhum estudo sobre o controle postural humano no meio líquido (XAVIER FILHO; MANOEL, 2002). Ironicamente, McGraw (1939), sugeria que a estabilidade dinâmica constitui uma habilidade essencial para a locomoção aquática. Esses aparatos podem prejudicar ou atrasar a aquisição da estabilidade postural e dinâmica.

Entretanto, voltando ao presente, deve-se examinar as vantagens e desvantagens dos materiais auxiliares artificiais no ensino dos principiantes na natação.

2.4.1 Vantagens das bóias

A criança também aprende a manipular os objetos utilizados em aula, como, por exemplo, bóias e pranchas. Todo material usado tem intuito, além de prender sua atenção, cativar a criança e desenvolver suas praxias (PALMER, 1990).

A principal vantagem dos materiais auxiliares artificiais é dar mobilidade e liberdade imediata na água (PALMER, 1990), sendo que o professor não precisa ficar o tempo inteiro auxiliando fisicamente alunos que não conseguem fazer os exercícios sem ajuda, portanto facilita o trabalho do professor, que pode dar mais

atenção a todos, ao invés de se dedicar o tempo inteiro a um único aluno (BAGGINI, 2008). Quando o iniciante não precisa estar com medo de afundar, sua atenção pode estar voltada para a aprendizagem da natação (PALMER, 1990). O professor é capaz de manter um grupo de alunos inteiramente ocupado e experimentando métodos de propulsão, geralmente alegres (PALMER, 1990).

Bóias artificiais dão aumento na sensação de segurança e permitem ao aluno temeroso tomar parte nas atividades comuns. Os “pequeninos” podem ser seguramente transportados na água que é mais funda que sua própria altura (PALMER, 1990).

Segundo Navarro (1995) o aluno cansa menos, logo, a densidade motora ou a duração poderá ser superior da atividade.

Os alunos podem descansar ou interromper seus movimentos e ainda permanecer flutuando. Materiais criados especialmente, como as bóias de braço infláveis, podem ser lentamente esvaziadas em etapas até se tornarem meramente um apoio psicológico (PALMER, 1990). As crianças aprendem a realizar um maior número de habilidades num menor período de tempo (NAVARRO, 1995).

2.4.2 Desvantagens das bóias

Equipar uma classe grande consome tempo. A falha de um material inflável pode causar um acidente. Crianças pequenas algumas vezes furam as bóias com mordidas e além do equipamento se tornar inútil, pedaços do material podem ser engolidos (PALMER, 1990).

Os materiais podem restringir os movimentos, se forem ajustados ou projetados incorretamente. Se não controlados, tanto crianças quanto adultos tendem a se tornar muito confiantes nos materiais e podem causar dependência (PALMER, 1990). Os infláveis são perigosos se ajustados às pernas - algumas crianças fazem isto se são deixadas sem supervisão. Colocar bóias de braço em torno das pernas é uma atividade perigosa (PALMER, 1990).

Palmer (1990) cita que a utilização de bóias ou flutuadores é condenável na procura do equilíbrio ou experiência da flutuação. Ao substituir uma função ela retarda a intervenção desta sem resolver os problemas fundamentais.

A utilização de qualquer tipo de material, como as bóias devem ser completamente vedadas, vistos que esses artifícios poderão proporcionar uma grande dependência ao aluno, dificultando o seu aprendizado e surtindo como efeito justamente o oposto do objetivado pelo professor: a perda do medo da água. (MARCON, 2002).

Isso já dificulta o trabalho do professor, que terá que convencer o aluno da importância de fazer exercícios sem material, caso contrário ele nunca terá autonomia para nadar sozinho (BAGGINI, 2008).

Segundo Palmer (1990) as características da flutuação do nadador são drasticamente alteradas, tendo como efeito a elevação das pernas até a superfície e tornando difícil elevar a cabeça, se o nadador estiver em decúbito dorsal. Mesmo em decúbito ventral, o aumento da flutuação das pernas torna a manutenção da posição em pé uma tarefa quase impossível.

Existem muitos tipos de materiais artificiais. Levando-se em consideração tanto as vantagens como as desvantagens, o professor pode tentar utilizá-los se considerá-los necessários (PALMER, 1990).

Uma última consideração relatada por Palmer (1990) é de que os flutuadores são, hoje em dia, uma parte importante dos equipamentos usados durante o ensino da natação, mas não podem ser vistos como indispensáveis. Entretanto, é importante que os flutuadores como as bóias de braço e arcos não sejam confundidas com auxílios como os flutuadores e as pranchas: estes últimos são realmente essenciais no ensino das progressões (deslocamentos) e em práticas parciais.

3 METÓDO

3.1 TIPO DE PESQUISA

No presente estudo a espécie de pesquisa utilizada foi de natureza qualitativa e quantitativa, onde o universo empírico refere-se ao grupo que será estudado e ao local onde será realizada a investigação (VÍCTORA, KNAUTH E HANSSEN 2000), e do tipo exploratória, descritiva e diagnóstica de campo (CERVO & BERVIAN, 1983).

Para Salomon (2000), as pesquisas exploratórias e descritivas são as que têm por objetivo definir melhor o problema, proporcionar as chamadas intuições de solução, descrever comportamentos de fenômenos, definir e classificar fatos e variáveis.

A escolha por essa modalidade de pesquisa permitiu observar e descrever aspectos para conhecer e, possivelmente, entender a questão proposta neste trabalho.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram da pesquisa 10 professores de natação atuantes no processo ensino-aprendizagem de crianças, sendo grande a maioria graduado em Educação Física, apenas um era técnico.

Os locais onde ocorreram às observações e entrevistas com os profissionais foi nas instituições, academias, escolas e clubes da Grande Florianópolis que aceitaram participar do estudo.

A seleção dos participantes foi do tipo não aleatória-intencional por conveniência, seguindo os critérios estabelecidos pela pesquisa.

Os critérios para inclusão na referida amostra foram: ser professor de natação infantil, trabalhar (principalmente) com adaptação ao meio líquido e trabalhar em academias da Grande Florianópolis.

A escolha desses sujeitos baseou-se no interesse dos participantes em colaborar com o estudo.

3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para a coleta das informações foi elaborado um questionário apresentado como apêndice deste trabalho. As perguntas foram desenvolvidas pela acadêmica junto ao orientador em linguagem acessível e inteiramente relacionadas aos objetivos da pesquisa, buscando clareza e ordem lógica.

Este questionário foi composto por 21 questões, com 13 do tipo fechadas, quatro do tipo abertas e quatro. E foi estruturado em duas partes: a primeira parte voltada aos dados do profissional e da academia e a segunda parte as questões específicas sobre a utilização ou não de bóias.

O questionário foi validado no quesito clareza por estudantes de Educação Física e Esporte da Universidade do Sul de Santa Catarina, indivíduos que podem apresentar características semelhantes aos sujeitos. Entregando para cada aluno uma cópia do questionário com os objetivos da pesquisa. Para cada questão os alunos deveriam responder: confusa, pouco clara e clara.

Para validação de conteúdo os questionários foram avaliados por três professores do Curso de Educação Física e Esportes da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), escolhidos pelo orientador, com conhecimento na área de natação, entregando para cada professor uma cópia do questionário com os objetivos da pesquisa.

3.4 PROCEDIMENTO DA COLETA DE DADOS

Na pesquisa levaram-se em conta os princípios éticos de respeito à autonomia das pessoas, de acordo com a Resolução n.196, de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde.

A aplicação dos testes foi feita nas academias de natação da Grande Florianópolis, sendo antecedido de contato com os professores para verificar a possibilidade para o desenvolvimento do estudo, depois foi solicitada a autorização dos responsáveis dos locais visitados, explicando os objetivos do trabalho e recolhendo as assinaturas da Declaração de ciência e concordância das instituições envolvidas.

Na seqüência o projeto foi submetido á avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), onde constava em seu relatório o acordo entre as instituições envolvidas, termos de consentimento da realização dos questionários.

Depois da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E logo em seguida foi agendado dia, hora e local da aplicação do questionário. O Termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue para justificar a pesquisa aos professores. Lembrando dos cuidados éticos que a privacidade da identidade e dos dados coletados será mantida, pois todos participantes da pesquisa foram identificados por um código e só os pesquisadores terão acesso aos seus dados. A coleta de dados foi realizada em maio de 2011.

O pesquisador se fez presente durante a aplicação do questionário, para aplicar, acompanhar, esclarecer eventuais dúvidas e recolher pessoalmente as pesquisas.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram tabulados e armazenados em uma Planilha eletrônica, sendo armazenados em um banco de dados por 5 anos, após este período o material digital será deletado e os questionários serão incinerados.

Foi utilizada a estatística descritiva (frequência absoluta, média e desvio padrão) de acordo com o tipo de pergunta.

Os resultados foram apresentados em forma de gráficos e tabela, feita uma comparação com os dados apresentado pela literatura para a conclusão da pesquisa.

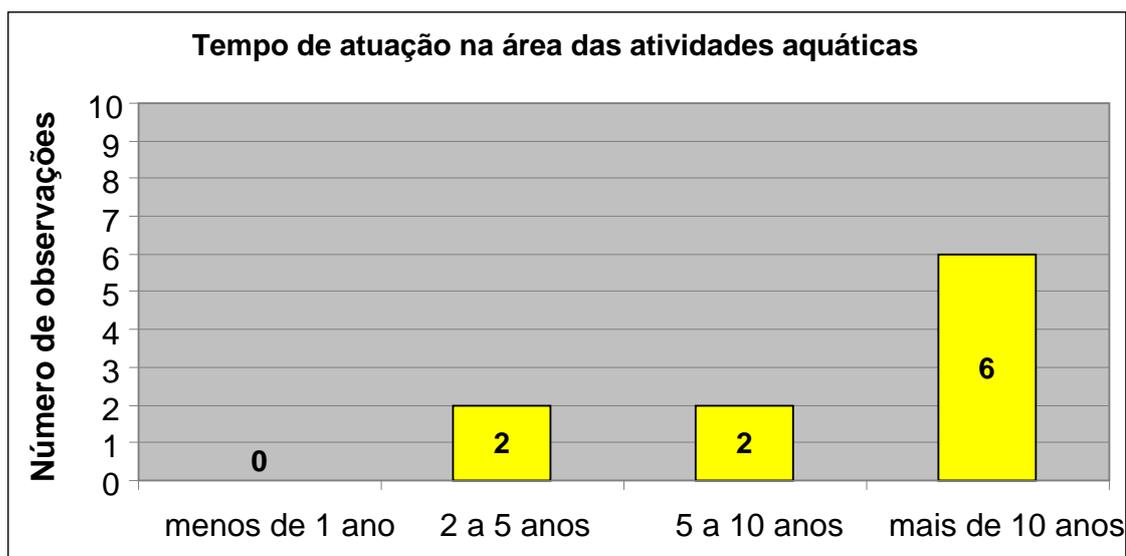
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Atendendo aos objetivos específicos, os resultados e discussões desta pesquisa são apresentados na seguinte ordem: análise dos dados do profissional e das academias e análise das questões específicas sobre a utilização de bóias.

A pesquisa foi realizada com 10 professores de natação da Grande Florianópolis, sendo a maioria dos entrevistados do sexo feminino, com um total de oito mulheres e dois homens.

Observou-se ainda que a maioria dos entrevistados no total de oito são graduados, e dois possuem p s-gradua o.

O gráfico 1 apresenta dados referentes ao tempo de atua o do profissional na área das atividades aquáticas.



Gráfico 1: Tempo de atua o na área das atividades aquáticas
Fonte: Elabora o dos autores, 2011.

Dos dez professores entrevistados, constatou-se que a maioria possui experiência sendo que seis trabalham há mais de dez anos na área das atividades aquáticas.

Outra variável de fundamental importância apresentada no gráfico 2, salienta as condições de estrutura física e materiais e sua adequação.



Gráfico2: Estrutura física e materiais e sua adequação
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

Quando questionados sobre o local de trabalho, se oferece estrutura física e materiais suficientes, nove dos entrevistados responderam que “sim”. Um ambiente de trabalho agradável, organizado, com bons materiais, e estrutura física atualizada, serve como incentivo para que o educador se sinta seguro ao realizar a sua aula facilitando o aprendizado dos alunos.

Neste sentido Piva (199) complementa citando que a infra-estrutura da academia necessita ser levada em consideração, pois a mesma pode influenciar positivamente ou negativamente na aprendizagem da natação.

No gráfico a seguir apresenta-se a relação entre o número de alunos matriculados e de profissionais que atuam nas aulas de adaptação infantil.

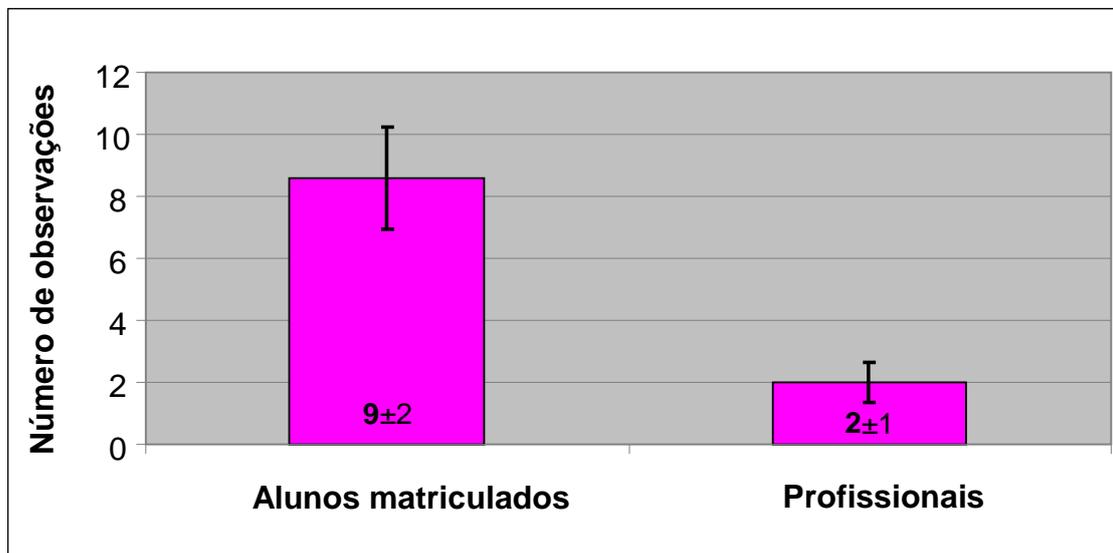


Gráfico 3: Número de alunos matriculados por aula e de profissionais que atuam nas aulas de adaptação infantil
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

Observou-se que o número de alunos matriculados por aula nas turmas de adaptação ficou entre 7 a 10 alunos, e quanto ao número de profissionais, pode-se relatar uma média de atuação de 1 a 3 professores por aula .

Com relação ao numero de alunos Baggini (2008) afirma que o número não pode ser muito alto, pois fica muito difícil para o professor conseguir ensinar e corrigir a execução de todos. E Palmer (1990) complementa que como regra geral, o número ideal para iniciantes e não nadadores é de 6 a 12 alunos, entretanto, quanto menor o número, melhor.

Machado (1978) cita ainda que o número ideal é dez alunos. E Lima (1999) diz mais especificamente, que em piscinas com profundidade maior que a altura dos alunos, para crianças o ideal é três alunos, onde a profundidade não é maior que a altura dos alunos, para crianças o ideal é seis alunos.

Há de se que considerar que esse número pode variar de acordo com o nível de aprendizagem dos alunos, da turma e de acordo com o número de professores, visto que algumas turmas têm aproximadamente vinte alunos, porém existe pelo menos dois ou três professores, um para cada nível (BAGGINI, 2008).

No gráfico 4 relativo a divisão das turmas de natação, apresenta-se o seguinte resultado:

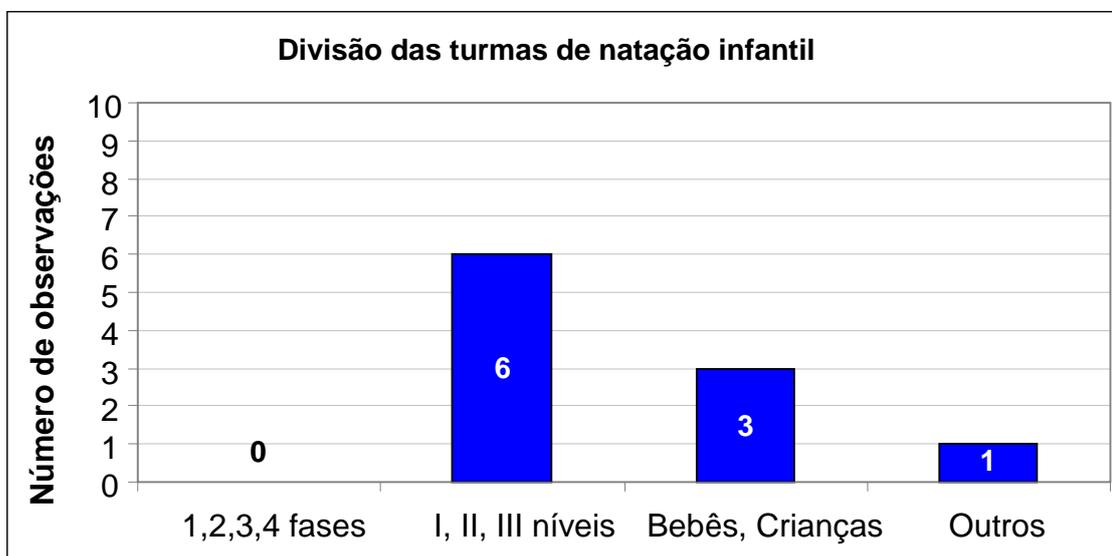


Gráfico 4: Divisão das turmas de natação infantil na academia.
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

A partir das respostas dos professores, a maioria das academias divide suas turmas infantis em níveis, numerados geralmente I a III de acordo com o desenvolvimento da criança. Outras nomenclaturas também foram verificadas como divisão em Bebês e crianças, Pré-escolar (5-6 anos) turma 1(7-12 anos).

Neste sentido, os dados encontrados concordaram com a literatura que cita que quando os alunos apresentam grandes diferenças de níveis e faixas etárias, o ideal é separá-los em diferentes turmas para facilitar o trabalho do professor e o planejamento das aulas (PALMER, 1990).

Corrêa e Massaud (2004) complementaram que os professores devem respeitar o nível de desenvolvimento e maturação das crianças: e o método de ensino é crucial para a permanência delas nas aulas. Os autores ressaltam que uma metodologia autoritária, a especialização precoce e o não desenvolvimento integral das crianças vêm causando muita evasão no esporte. A permanência dessas crianças na natação deve continuar até o fim da vida, para que a saúde seja preservada.

Em relação à média de idade aproximada dos alunos por fase de aprendizado apresentada no gráfico 5 a seguir:

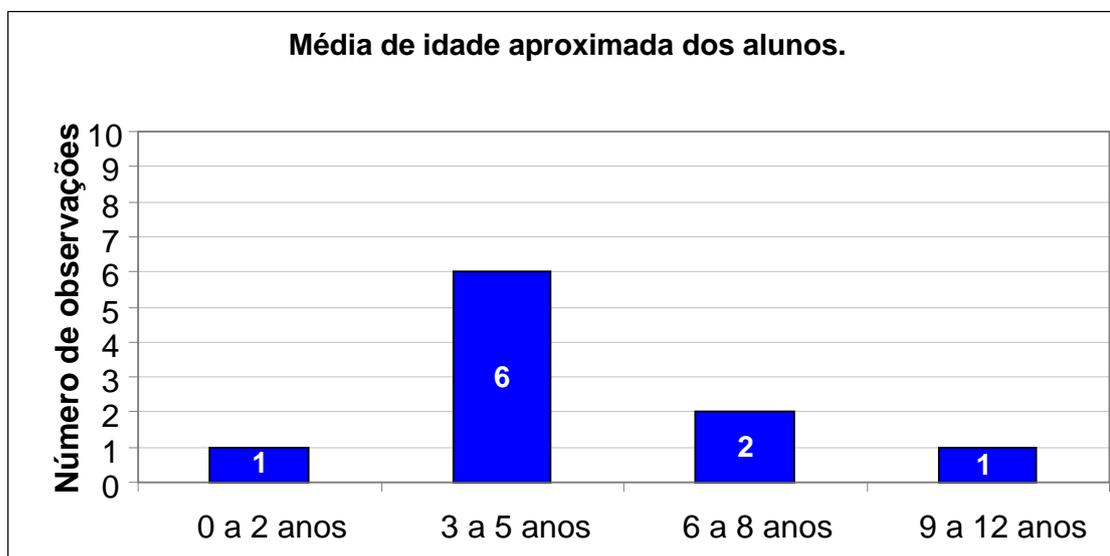


Gráfico 5: Média de idade aproximada dos alunos matriculados por fase de aprendizado
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

Observou-se no gráfico 5 que a maioria dos alunos matriculados por fase de aprendizado se encontra na faixa etária de 3 a 5 anos.

A idade é um dado, a qual características semelhantes do desenvolvimento podem ser observadas, porém não deve ser analisado como um recurso rígido e inflexível, já que muitos outros fatores devem ser analisados e levados em consideração (GALLAHUE; OZMUN, 2003).

Mansoldo (1986) traz em seu trabalho caracterizações quanto à idade em relação às habilidades da natação, dentre elas, são as crianças de 3 a 6 anos. O autor relata que as crianças de 3 anos já conseguem andar de triciclo, onde o movimento é semelhante à perna do crawl.

As crianças de 4 anos tem uma melhor independência da musculatura e melhor ritmo que as de 3 anos, supondo uma melhoria do batimento de perna do crawl, aperfeiçoamento da fala e mecanismos fisiológicos de movimentos voluntários (MANSOLDO, 1986)

Relacionada à outra investigação esta idade, considerando a idade ideal para o início de um programa de atividades aquáticas, Parker & Blanksby (1997) procuraram identificar o tempo necessário para a aquisição de habilidades locomotoras aquáticas básicas em diferentes estágios. Os resultados encontrados

mostraram que crianças, a partir dos quatro anos de idade, demonstram condições de adquirir confiança e domínio de padrões motores básicos, isto é, a experiência aquática deu oportunidade para que os padrões de estabilidade e locomoção, típicos da espécie, fossem adquiridos (PARKER & BLANKSBY, 1997).

Porém, apesar de estarem em uma ótima fase para desenvolver a atividade corporal, é muito importante que o professor tenha a sensibilidade de observar a individualidade e necessidade de cada aluno no processo de ensino, para não tornar a atividade um fator negativo na vida da criança, quando, estes fatores não são levados em consideração. (MAKARENKO, 2001).

No gráfico 6 a seguir, apresenta-se os resultados referentes a profundidade da piscina na qual as aulas são ministradas para criança.

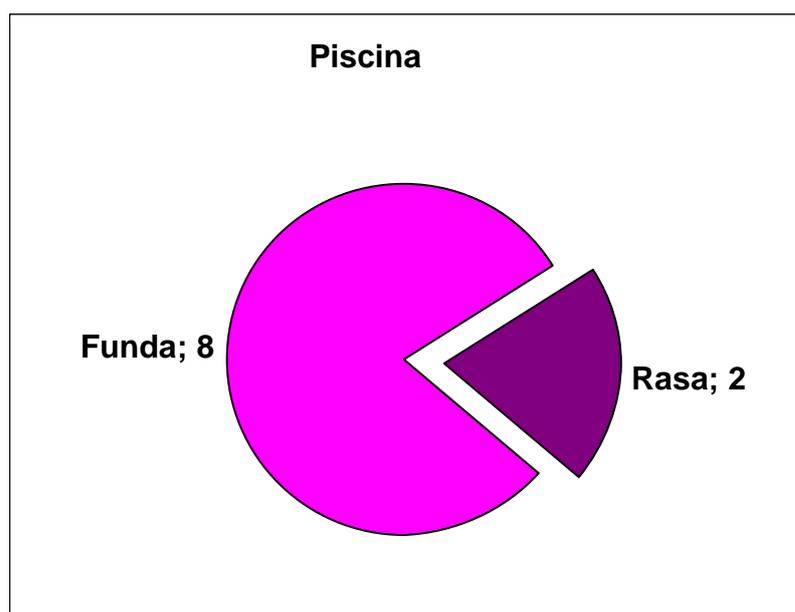


Gráfico 6: Profundidade das piscinas
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

Nota-se a partir das informações do gráfico 08, a predominância das aulas de natação serem ministradas para crianças em piscinas fundas.

Com relação a esta característica, Palmer (1990) cita que a largura, o tamanho e a profundidade da piscina são fatores a serem levados em consideração no planejamento das aulas. Os iniciantes precisam de piscina rasa, com um local que possibilite experiências variadas e que traga confiança aos mesmos. Os alunos (em estágio de aprendizagem da propulsão) necessitam de profundidade para

nadar, mas também devem ser capazes de ficar de pé com apoio dos pés para que se sintam mais seguros e confiantes (PALMER, 1990).

Complementando esta informação, Baggini (2008) salienta que uma piscina muito funda não é favorável à aprendizagem de um indivíduo de baixa estatura, do mesmo modo que uma piscina muito rasa não é favorável à aprendizagem de um indivíduo de alta estatura.

A utilização de matérias para o apoio do aluno são descritos no gráfico 7 a seguir.

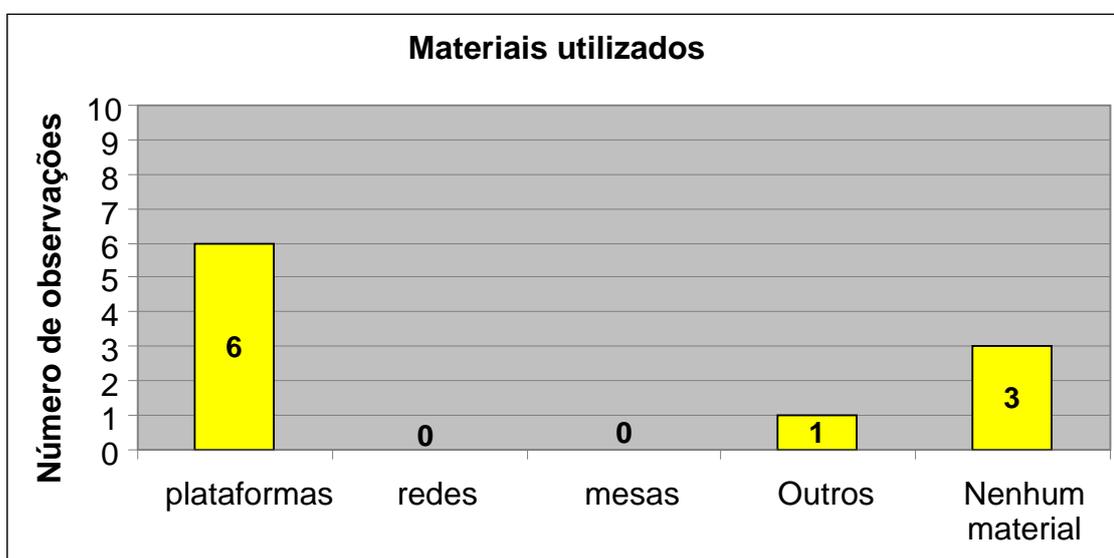


Gráfico 7: Materiais utilizados para o apoio do aluno
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

Observou-se que a maioria dos profissionais trabalha com plataformas, para redução da profundidade fazendo uma relação com o gráfico anterior na qual descreve que a maioria ministra as aulas em piscina funda, utilizando a plataforma como material de segurança e locomoção sem precisar utilizar as bóias. Os profissionais que não utilizam nenhum material alguns ainda usam bóias dificultando o processo de aprendizagem da criança.

As crianças podem ser seguramente transportadas na água que é mais funda que sua própria altura (PALMER, 1990).

No gráfico 8 a seguir estão apresentados os dados referentes a utilização das bóias por professores na fase de adaptação ao meio líquido:

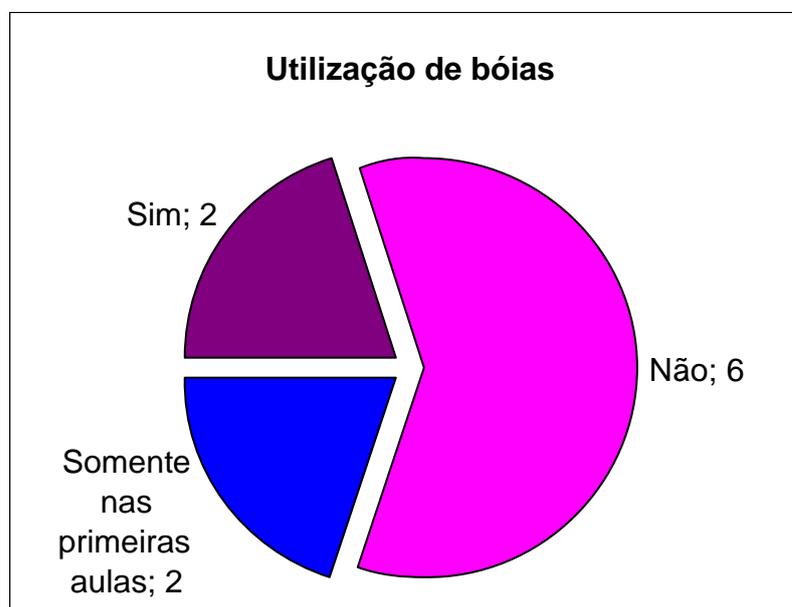


Gráfico8: Utilização de bóias nas crianças nas aulas de natação
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

Observou-se que dos dez profissionais entrevistados a grande maioria não utiliza bóias nas aulas de natação, e dois utilizam somente nas primeiras aulas.

Palmer (1990) cita que a utilização de bóias ou flutuadores é condenável na procura do equilíbrio ou experiência da flutuação. Ao substituir uma função ela retarda a intervenção desta sem resolver os problemas fundamentais.

A principal vantagem dos materiais auxiliares artificiais é dar mobilidade e liberdade imediata na água (PALMER, 1990), sendo que o professor não precisa ficar o tempo inteiro auxiliando fisicamente alunos que não conseguem fazer os exercícios sem ajuda, portanto facilita o trabalho do professor, que pode dar mais atenção a todos, ao invés de se dedicar o tempo inteiro a um único aluno (BAGGINI, 2008).

Ainda quanto à opção de utilização de bóias de braço a tabela 1 apresenta seguintes os resultados:

Tabela1: Opção à orientação da utilização ou não das bóias:

Questões	Sujeitos	Respostas
A utilização da bóia é instrumento adotado por opção do profissional ou segue a orientação pedagógica da academia?	2	Seguem a orientação pedagógica da academia
3) A não utilização da bóia é opção do profissional ou segue a orientação pedagógica da academia?	2	Seguem opção do profissional
	3	Seguem orientação da academia
	3	Responderam os dois itens

Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

O que pode-se observar que através da tabela 1 e que a escolha de utilização ou não de bóias, segue com predominância a orientação pedagógica dada pela academia.

No gráfico 9 a seguir apresenta-se a percepção dos professores com relação ao aprendizado das crianças e a utilização de bóias de braço:



Gráfico 9: Aprendizado em relação ao uso de bóias
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

Observou-se a partir do gráfico 9 que em relação ao aprendizado nove professores tem como percepção que a bóia dificulta o aprendizado.

Nos relatos dos professores observou-se que a bóia limita os exercícios, dificulta os movimentos de propriocepção, fluabilidade e noção espacial.

Outros afirmaram que limita o movimento dos braços, a imersão do corpo dentro d água, o posicionamento da cabeça. A criança não aprende a nadar e sim a boiar, causando dependência e dificultando a autoconfiança.

Dificulta em alguns aspectos, mas em contrapartida facilita em outros como na questão da segurança.

O professor cita que a bóia facilita a segurança, ao contrario segundo relatos um aluno que utiliza a bóia fica dependente. Um exemplo se cair numa piscina se afogará por estar acostumado com a bóia, sem ter fluabilidade natural.

Palmer (1990) cita que as bóias artificiais dão aumento na sensação de segurança e permitem ao aluno temeroso tomar parte nas atividades comuns. Os “pequeninos” podem ser seguramente transportados na água que é mais funda que sua própria altura.

A utilização de qualquer tipo de material, bóias devem ser completamente vedadas, vistos que esses artifícios poderão proporcionar uma grande dependência ao aluno, dificultando o seu aprendizado e surtindo como efeito justamente o oposto do objetivado pelo professor: a perda do medo da água. (MARCON, 2002).

Com relação ao aspecto de segurança e utilização de bóias, apresenta-se no gráfico 10 as respostas dos professores:

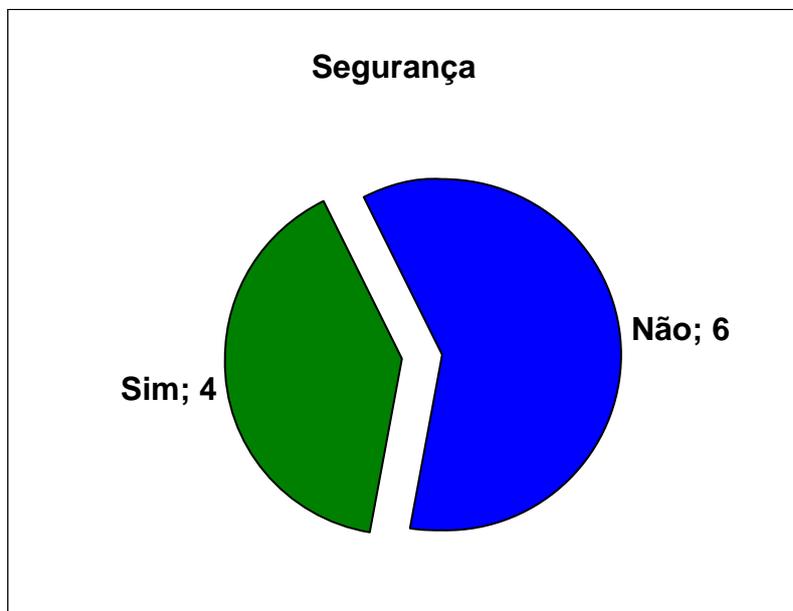


Gráfico 10: Aspectos de segurança com relação a utilização de bóias
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

Dos dez profissionais entrevistados, a maioria expressaram que não sentir mais segurança com relação ao uso das bóias em crianças. Por outro lado relataram que a utilização das plataformas “sim” dão segurança, não precisando utilizar as bóias, pois não ocorre risco de afogamento.

Já outros profissionais mencionam que corre risco de afogamento, se a piscina é funda e com mais alunos o professor se sente mais seguro com as bóias, que as crianças estão mais seguras e “as crianças flutuam melhor”.

Para isso, é necessário que o professor consiga transmitir toda a segurança que o aluno requer, despertando o sentimento de agradabilidade em relação à água, vencendo possíveis e prováveis sentimentos de medo, inibições e conseqüentes reflexos de defesa. Como coloca Navarro (1995, p.57): “As experiências desagradáveis podem prejudicar a aprendizagem, é necessário tratar em todo o momento, para que a prática resulte amena e divertida”.

A percepção dos professores com relação à tranquilidade dos pais com uso ou não das bóias obteve-se os seguintes resultados apresentados no gráfico 11 a seguir:

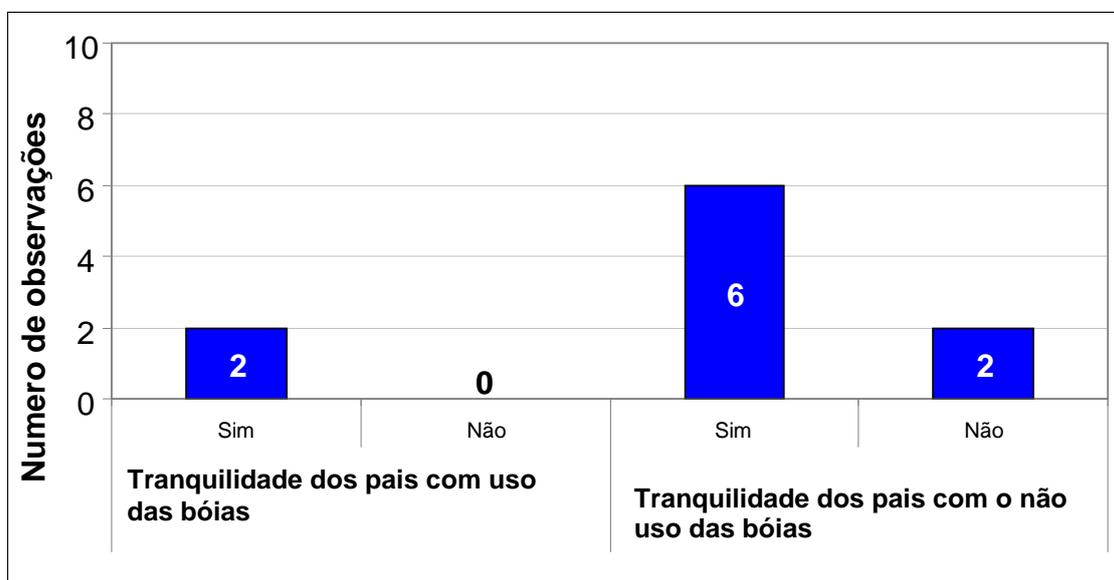


Gráfico 11: Percepção dos professores em relação ao comportamento dos pais com relação ao uso ou não das bóias.

Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

A maioria dos professores percebem que os pais sentem-se mais tranquilos com a não utilização das bóias. Pode-se inferir que esta sensação pode estar relacionada ao risco de furar ou estourar, acredita-se no auto salvamento. Já para os que não ficam tranquilos sem o uso das bóias, fato este pode estar relacionado ao medo ou alguma trauma anterior.

Pode-se afirmar com segurança que salvo algum distúrbio, todo bebê tem um atrativo natural pela água. O sentimento de medo ou insegurança apresentados na água, não raro, são reações que o bebê adquiriu da própria mãe e/ou pai e provavelmente, ele reage desta maneira também fora da água. A criança até um ano de idade desconhece o significado do perigo (FONTANELLI; FONTANELLI, 1985; PETRIA, 1992).

No gráfico 12 a seguir estão apresentados os resultados referentes a percepção do professor relacionado aos vícios pelo uso de bóias de braço:

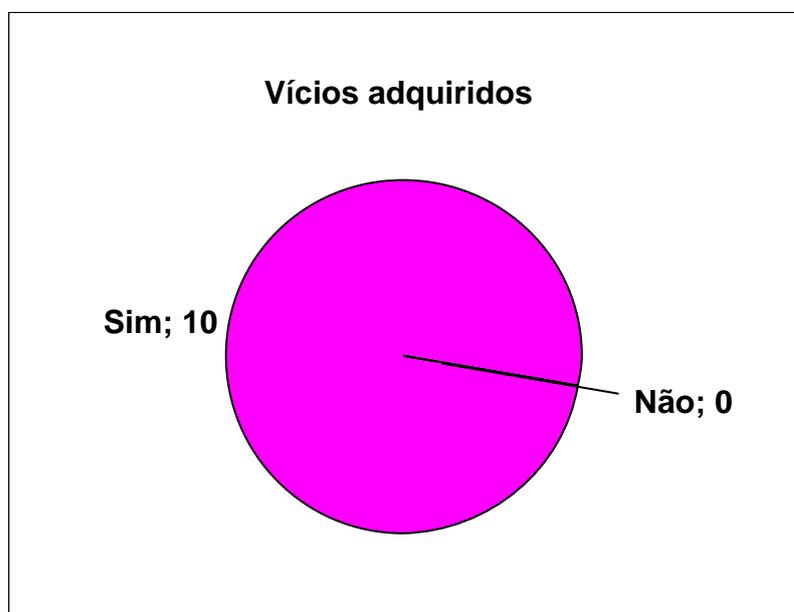


Gráfico 12: Detecção de vícios difíceis de serem retirados após utilização de bóias
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

A partir dos dados apresentados no gráfico 12 percebe-se que os todos profissionais relataram que detectaram alguns vícios difíceis de serem retirados após utilização da bóia tais como: os braços ficam abertos, que a criança se sente insegura, com muita dificuldade de mergulhar, de mexer o braço, e movimento das pernas descordenados.

Outros relatam que o uso de bóias dificulta o aprendizado, em longo prazo, diferente de quem não as usa. Péssima flutuação, medo na água, a criança se acomoda quanto à flutuabilidade “pernada alternada de peito”, a criança não se acostuma a colocar a cabeça na água e falta autoconfiança.

Segundo Palmer (1990) as características da flutuação do nadador são drasticamente alteradas, tendo como efeito a elevação das pernas ate a superfície e tornando difícil elevar a cabeça, se o nadador estiver em decúbito dorsal. Mesmo em decúbito ventral, o aumento da flutuação das pernas torna a manutenção da posição em pé uma tarefa quase impossível.

No gráfico 13 apresentam-se os resultados relativos a percepção dos professores sobre os vícios pela utilização da bóia nas fases seguintes do aprendizado.

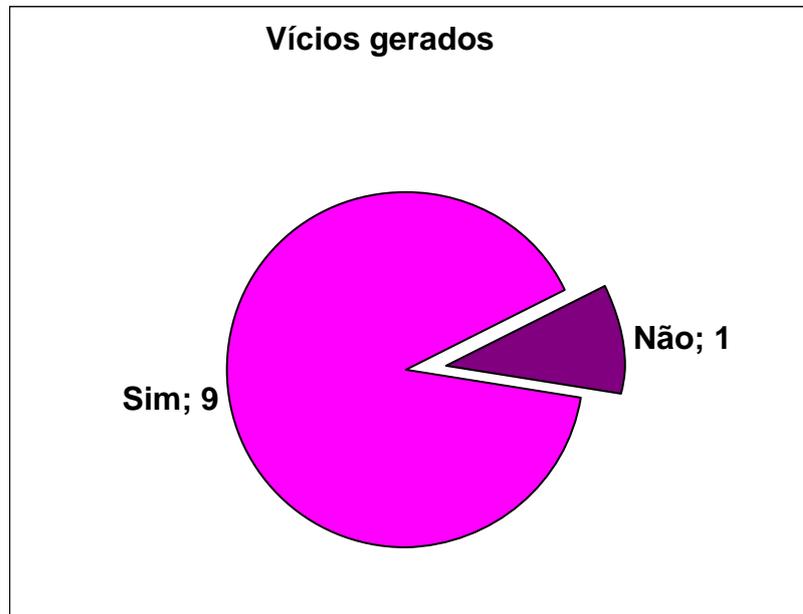


Gráfico 13: Vícios gerados pela utilização de bóias para as fases seguintes do aprendizado
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

A partir das respostas, verificou-se que a maioria dos professores concordam que os vícios gerados pela utilização da bóia são levados para as fases seguintes do aprendizado.

Entre os vícios descritos pode-se enfatizar que os professores dizem que a utilização da bóia atrapalha os movimentos como a “braçada aberta”, ela vicia nos movimentos.

A imersão com as bóias não acontece na sua totalidade, também há limitação do movimento dos braços e muito medo da água quando retirada a boia.

No gráfico 14, apresenta-se os resultados para a percepção dos professores com relação ao aprendizado sem o uso de bóias.



Gráfico 14: Aprendizagem mais rápida sem o uso das bóias.
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

No gráfico 14 observa-se que todos os profissionais, acreditam que o aluno que não utiliza bóia aprende mais rápido.

Os professores relataram que ocorre melhor habilidade de flutuação, que o aluno consegue realizar todos os movimentos natatórios, melhora do posicionamento e da segurança, não ocorre limitação de movimentos. O aluno não fica viciado. Se a academia possui toda estrutura adequada com plataformas a tendência é aprender mais rápido, pois será natural e não passara pela bóia.

A adaptação é mais rápida e com mais segurança, o aluno adquire auto confiança, leva mais tempo para acabar com a dependência da bóia do que realizar o aprendizado sem ela.

No gráfico 15 apresenta-se os seguintes resultados relativos a percepção dos professores na execução dos movimentos com e sem o uso de bóias.



Gráfico 15: Execução dos movimentos mais corretos com e sem o uso das bóias

Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

Observou-se que todos os professores pesquisados concordam quando ocorre a realização de movimentos ou exercícios na aulas estes apresentam-se mais corretos quando da não utilizam de bóias.

Neste sentido chama-se atenção novamente que Marcon (2002) ressalta que a utilização de qualquer tipo de material, bóias devem ser completamente vedadas, vistos que esses artifícios poderão proporcionar uma grande dependência ao aluno, dificultando o seu aprendizado. E até a execução de movimentos corretos conforme as falas dos entrevistados.

A seguir no gráfico 16 apresenta-se uma serie de observações sobre a conduta do aluno com a utilização de bóias:

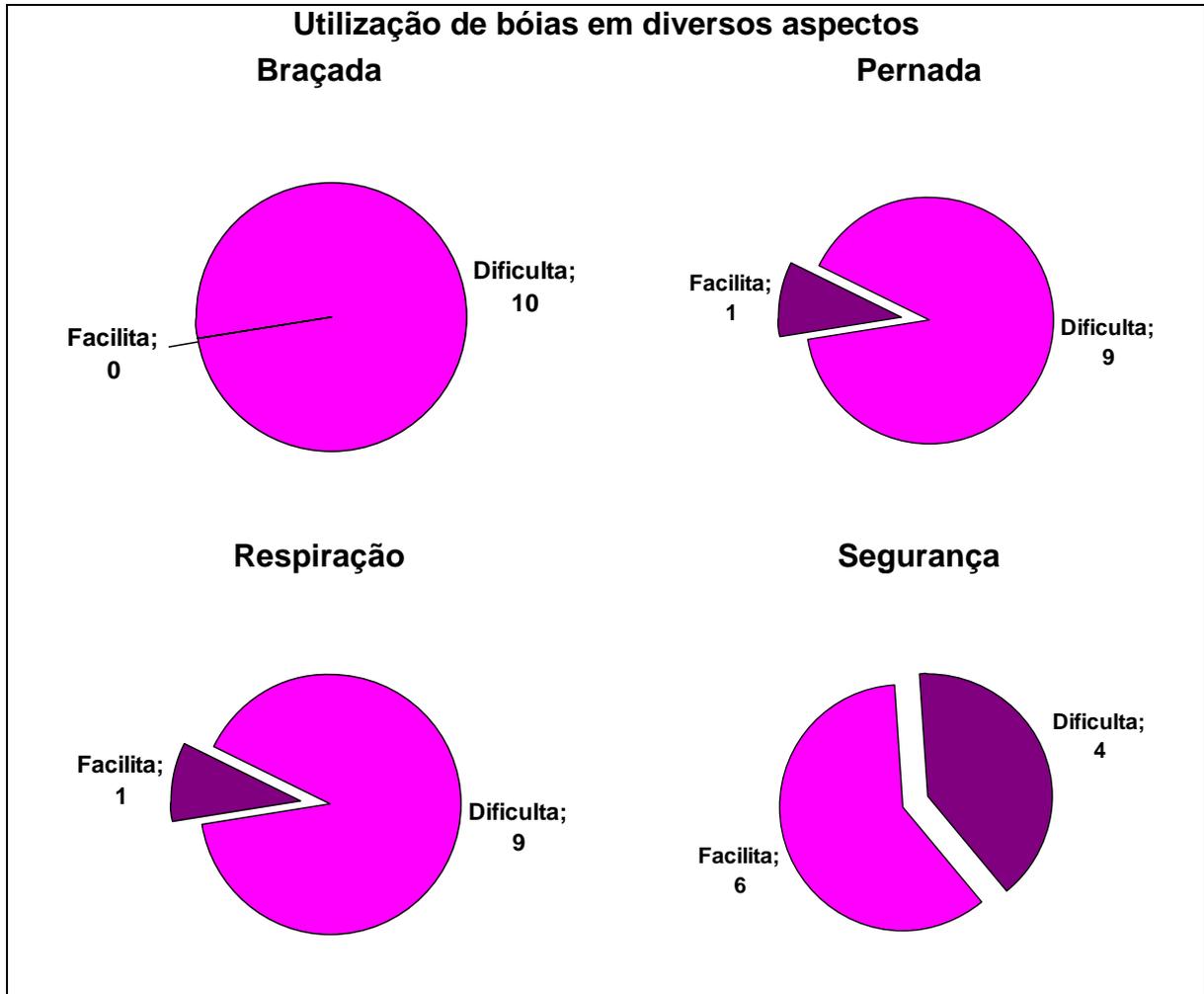


Gráfico 16: Percepção dos professores sobre os diversos aspectos decorrentes da utilização de bóias
Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

A partir dos gráficos verifica-se que a utilização de bóia, a partir da percepção dos professores dificulta os principais fundamentos relacionados a aprendizagem da natação: braçada, pernada e respiração. No quesito segurança percebe-se que a bóia é um meio que favorece porem as respostas não foram unânime.

Machado (1978) fala que o medo e a insegurança atrapalham o trabalho do professor e o bom andamento da aula, o que exige que o professor crie uma nova proposta de trabalho, visando à melhor forma de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados observados conclui-se maioria das academias da Grande Florianópolis as bóias não são utilizadas, nas aulas de natação. Os profissionais usam em suas atividades de ensino outros materiais, tais como as plataformas de redução de profundidade, que facilitam a adaptação ao meio líquido. Na percepção da maioria dos professores entrevistados, as bóias causam alguns vícios; como insegurança, dificuldade de mergulhar, movimento dos membros superiores e inferiores descoordenados, falta de autoconfiança e principalmente a péssima flutuabilidade.

Esses fatores segundo os professores são levados para as fases seguintes do aprendizado, causando atraso no desenvolvimento motor da criança. O resultado veio de encontro à maioria dos achados na literatura, que não indicam a utilização das bóias, no processo de ensino e aprendizagem da natação.

Quanto ao questionamento se haveria vantagens ou desvantagens com relação à utilização de bóias, a grande maioria observou como desvantajoso, o uso das mesmas, sendo que a única vantagem relatada, por professores e de alguns indecisos, seria que a bóia traz segurança tanto ao aluno como ao professor.

Em contrapartida, o que pude observar é que algumas escolas por falta de contratação de professores ou por falta de materiais ainda as utilizam.

Muitos autores relatam que já dentro da barriga da mãe a criança vive em meio líquido. O processo de nadar depois de nascer deveria ser naturalmente desenvolvido, porque ao posicionar a criança em decúbito ventral ela já apresenta movimentos coordenados dos membros superiores e inferiores.

A água serve para o ser humano, como reencontro a um meio conhecido, ela facilita a criança a perder o medo, muitas vezes ocasionado pelos traumas dos pais, ou por orientações não tão favoráveis no processo de ensino da natação.

O educador deve encorajar o aluno, elogiar, brincar, controlar a ansiedade e principalmente respeitar; a idade, habilidades e limites de cada um. Respeitando o seu desenvolvimento, espera-se que a criança tenha uma longa vida na natação.

A natação é um esporte comprovadamente importante para o equilíbrio e o desenrolar de uma vida saudável, deve ser praticado em todas as fases da vida, e

se bem orientado na infância, essa atividade, será prazerosamente incorporada pelo resto da vida.

Como sugestão futuros estudos serão bem-vindos para ampliar e investigar a utilização de bóias na fase de adaptação ao meio líquido.

REFERÊNCIAS

ABADIA, O; AUMENTE M; SALGUERO, A; TUERO, C. La Hidrofobia: una experiencia practica. **Revista Digital EFDesportes**, Buenos Aires, v.3, n.11, jul./Nov.1998. Disponível em: <[HTTP://www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com) > . Acesso em: 8 mai.2010.

ARAÚJO JR, B. **Natação: saber fazer ou fazer sabendo?** Campinas: UNICAMP, 1993.

ARAUJO, L. G. **Proposta de formalização dos conteúdos pedagógicos do ensino da natação.** 1997. 174 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização) - Curso de Educação Física, Departamento do Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

BAGGINI, F.C.S. **Caracterização do processo ensino/ aprendizagem da natação para diferentes faixas etárias.** 2008. 68f. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física)- Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.

BARBOSA, T. As habilidades motoras aquáticas básicas. **Revista Digital – Buenos Aires**, v.6, n.33 mar./jul de 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 04 de abr. 2010.

BARBOSA, T. Para uma clarificação dos objectivos dos programas de Natação para Bebês. v.10, n.55, mai./set.2010 **Revista Digital EFDesportes**, Buenos Aires. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd15/natacao.htm> acesso em 19 de abr.2011

BARBOSA, T; QUEIRÓS, T. **Manual prático de Actividades Aquáticas e Hidroginástica.** Lisboa: Xistarca, 2000.

BARTELL, P. C. **As atividades aquáticas e a relação pais e bebês a partir de uma experiência com elementos lúdicos**. 2001. 74 f. Trabalho de conclusão de curso (especialização) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

BONACELLI, M.C.L.M; MOREIRA,W.W.**O ensino da natação no deslizar aquático da corporeidade**. *Revista Virtual Efartigos*, v.2, n.16, dez.2004. Disponível em: <<http://efartigos.atspace.org/esportes/artigo36.html>>. Acesso em: 19 mai.2011

BROUGÉRE, G. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas,1998.

BURKHARDT; ESCOBAR R;ORTEGA,M;. **Natação para portadores de deficiências**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

CAMPANIÇO, J. A Escola de Natação: 1ª fase aprendizagem. Lisboa: **Ministério da Educação – Desporto e Sociedade**. 1989. Disponível em: <www.cm-cantanhede.pt/piscinas/img/pdf/Adap_Meio_Aquatico.pdf>. Acesso em: 15 de mai. 2010.

CATTEAU, R.; GAROFF, G. **O Ensino da Natação**. São Paulo: Manole, 1988.

CATTEAU, R.; GAROFF, G. **O Ensino da Natação**. São Paulo: Manole, 1990.

CENTRO DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES. **A educação física e o desenvolvimento infantil**. Disponível em: <<http://www.humanitates.ucb.br/2/educacao.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2011.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica para uso dos estudantes universitários**. 3. ed. São Paulo : McGraw-Hill do Brasil,1983.

CORRÊA, C. R.; MASSAUD, M. G. **Natação na idade escolar: terceira infância; a natação no apoio ao aprendizado escolar.** Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

COUNSILMAN, J.E. **A natação: ciência e técnica.** Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1984.

DAMASCENO, L. G. **Natação, psicomotricidade e desenvolvimento.** Brasília: Secretaria dos Desportos da Presidência da República, 1992.

DANTAS, L.E.P.B.T.;TANI,G.;MANOEL, E..J. Ensino- aprendizagem de habilidades motoras: um campo de pesquisa de síntese e integração de conhecimentos. In: TANI, G.(Ed). **Comportamento motor: desenvolvimento e aprendizagem.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.p.106-116.

DEPELSENEER, Y. **Os bebês Nadadores - e a preparação pré natal aquática.** São Paulo: Manole, 1989.

DEROSE, JR. **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar.** 2.ed.Porto Alegre: Artmed,2002.

FAUSTINO, P.H. **A importância da fase de adaptação a água no processo de ensino aprendizagem de natação.** 1999.37f. Monografia de conclusão de curso (Bacharel em treinamento de esportes). -Faculdade de Educação Física Unicamp, Campinas, 1999.

FERNANDES, J.P.R.;COSTA,P.H.L.Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos.**Revista brasileira de educação física e esportes**, São Paulo v.20, n.1, jan./mar,2006.

FERREIRA, F. G. **Natação para bebês.** 2007. Disponível em: <<http://www.guiadobebê.com.br>>.Acesso em: 14 mai. 2010.

FONTANELLI, J. A. M.; FONTANELLI, M. S. **Natação para bebês: entre o prazer e a técnica.**São Paulo. Editora Ground Ltda, 1985.

FONSECA, V. **Manual de Observação psicomotora**: Significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

FREIRE, M.; SCHWARTZ, G. M. Atividades lúdicas em meio líquido: aderência e motivação à prática regular de atividades físicas. **Revista Digital** – Buenos Aires v.10, n.83, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd83/ludicas.htm>>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

FREUDENHEIM, A. M. **Nadar**: uma habilidade motora revisitada. São Paulo: CEPEUSP, 1995.

GALLAHUE, D. **Understanding motor development in children**. NY :Wiley & sons.1982.

GALLAHUE, D. L; OZMUN, J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte Editora, 2003.

GALLAHUE, D. L; OZMUN, J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

GOMES, W. D. F. **Natação**: Uma alternativa Metodológica. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

IDORN, J. **Natação para crianças**. Porto: Editorial presença, 1979.

KERBEJ, F. C. **Natação**. Algo mais que 4 nados. São Paulo: Manole, 2002.

KREBS, R. J.; VIEIRA, J. L.; VIEIRA, L. F. **O ensino dos esportes: uma abordagem desenvolvimentista.** In: BALBINO, H. F.; PAES, R. R. (Org.). **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. cap. 3. p. 41-61.

LANGENDORFER, S.; BRUYA, L. **Aquatic readiness. Developing water competence in young children.** , Illinois. Human Kinetics. Champaign, 1995.

LIMA, W. U. de. **Ensinando Natação.** São Paulo: Phorte, 1999.

MACHADO, D. C. **Metodologia da Natação.** São Paulo: E.P.U., 1978.

MAKARENKO, L. P. **Natação: Seleção de talentos e iniciação desportiva.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

MANSOLDO, A. C. **Estudo Comparativo da Eficiência do Aprendizado da Natação (estilo crawl) entre crianças de três a oito anos de idade.** Dissertação do Título de Mestre em Educação Física pela USP. São Paulo, 1986.

MANN, L.; GONZALEZ, D. H.; KLEINPAUL, J. Ensinado a nadar: fatores a serem considerados. Revista Digital, Buenos Aires, v. 14, n. 133, jun. 2009. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd133/ensinando-a-nadar-fatores-a-serem-considerados.htm>> Acesso em: 17 mai. 2011.

MARCON, D. **Metodologia de ensino de natação.** Caxias do Sul: Educus, 2002.

MASSAUD, M. G. **Natação 4 Nados: aprendizado e aprimoramento.** 2 Ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

MCGRAW, M. B. **Swimming behavior of the human infant.** Journal of Pediatrics. 1939.

MEZZARROBA, C.; MOREIRA, E. L.; RODRIGUES, L. A. D.; SILVEIRA, M. da R.; ARINS, F. B.; BOOS, P. Vivenciando o corpo no ambiente líquido: um relato de experiência. Revista Digital – Buenos Aires – Año 10 – 94 – Marzo de 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd94/ocorpo.htm>>. Acesso em: 04 de abr. 2011.

MORENO, J; SANMARTÍN, M. **Bases metodológicas para el aprendizaje de las actividades acuáticas educativas**. INDE Publicaciones. Barcelona, 1998.

NAVARRO, F. **Hawa El Domínio Pela Natacion**. Madrid: Gimnos, 1995.

PALMER, M. L. **A Ciência do Ensino da Nataçãõ**. São Paulo: Manole, 1990.

PAPALIA, D.E.; OLDS, S.W. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PARKER, H.; BLANKSBY. B. Starting age and aquatic skill learning in your children: mastery of prerequisite water competence and basic aquatic locomotion skills. **Australian Journal of Science and Medicine in Sport**. 1997.

PEREIRA, M.D. **O mundo da fantasia e o meio líquido: processo de ensino aprendizagem de nataçãõ e sua relação com o faz-de-conta, através de aulas temáticas**. Campinas, SP: [s.n], 1999.

PETRIA, P. **Brincar com o bebê**. Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1992.

PIVA, C.J.X. **Verificação da adequação das academias no ensino de natação para crianças de 0 a 7 anos.** Monografia-Faculdade de ciências, UNESP, Bauru, 1999.

POTEL, E. **Le corps et L'eau: une mediation en psychomotricité.** Erés, 1999.

POULTON, R.; MENZIES, R.G.; CRASKE, M.G.; LANGLEY, J.D. e SILVA, P.A. **Water trauma and swimming experiences up to age 9 and fear of water at age 18: a longitudinal study.** *Behaviour Research and Therapy*, 1999.

RODRIGUEZ, C.C.G. La Actividad Motriz del Niño de 2 a 3 años. **Revista Digital-v. 7.n.42.** Buenos Aires. nov/2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd42/am23.htm>. Acesso em 02 jun.2011.

ROHLFS, C.P.M. "Aprendizagem em natação" (APRENA). In: SILVA, Carla I. & COUTO, Ana Cláudia P. (org.) **Manual do treinador de natação.** Belo Horizonte, FAM, 1999, p. 41-66.

SALOMON, D.V. **Como fazer uma monografia.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANTOS, C. A. dos. **Natação: ensino e aprendizagem.** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SPORTMIL. **Conheça melhor a natação.** 2008. Disponível em: <http://www.sportmil.com.br/curiosidades.htm>. Acesso em: 15 de mai. 2010.

VICTORIA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HANSSEN, M. N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema.** Porto Alegre: Tomo, 2000.

VENDITTI, R.; SANTIAGO, V. **Ludicidade, diversão e motivação como mediadores da aprendizagem infantil em natação: propostas para iniciação em atividades aquáticas com crianças de 3 a 6 anos.** 2006. Disponível em:

<http://www.efdeportes.com/efd117/iniciacao-em-atividades-aquaticas-com-criancas-de-3-a-6-anos.htm>. Acesso em: 1 jun.2010

VELASCO, C. G. **Natação Segundo a Psicomotricidade.** Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

_____. **Antes de andar, eles já nadam!**. Revista Esportes Aquáticos. **NADAR.** Release Editorial – Mensal – Ano X no.86. Mai/95.

XAVIER FILHO, E; MANOEL, E. J. **Desenvolvimento do comportamento motor aquático: implicações para a pedagogia da Natação.** Ver Bras. Ciên. E Mov. V 10 n 2. Brasília, 2002.

WATSON, J. **Psychology from standpoint of a behaviourist.** Philadelphia: J. B. Lippincott, 1919.

WILKE, K. **Natação para principiantes.** Lisboa: Casa do Livro, 1982.

ZULLIETTI, L. SOUZA, I.L.R. A Aprendizagem da natação do nascimento aos 6 anos-Fases de desenvolvimento. **Revista UniVap**, v.9, n.17,9-14 [São Jose dos Campos],2002. Disponível em:<<http://www.univap.br/cultura/Univap17.pdf>.>Acesso em 15mai.2011.

ANEXOS

Dados do profissional e da academia

1) Qual seu nível de formação profissional?

- Graduado
- Pós-Graduado
- Outro, qual? _____

2) Há quanto tempo você atua na área das atividades aquáticas?

- Menos de 1 ano.
- 2 a 5 anos
- 5 a 10 anos
- mais de 10

3) Você considera que seu local de trabalho oferece estrutura física e materiais suficientes para desenvolver adequadamente sua atividade profissional?

- Sim
- Não

4) Qual é o número de alunos matriculados por aula de adaptação infantil?

5) Qual o número de profissionais que atuam nas aulas de adaptação infantil?

6) Como são divididas as turmas de natação infantil na academia?

- 1,2,3,4 fases
- I, II, III níveis
- Bebês, Crianças
- Outros. Qual? _____

7) Qual é a média de idade aproximada dos alunos matriculados por fase de aprendizado?

- 0 - 2
- 3 - 5
- 6 - 8
- 9-12

8) As aulas de natação são ministradas em piscinas:

- Rasa
- Funda

9) Você trabalha com:

- Plataformas
- Redes
- Mesa
- Objetos similares. Qual? _____

Questões específicas

1) Você utiliza bóias nas crianças nas aulas de natação?

- Sim
- Não
- Somente nas primeiras aulas

2) A utilização da bóia é instrumento adotado por opção do profissional ou segue a orientação pedagógica da academia? Caso não utilize bóia responder questão abaixo 3.

- Sim
- Não

3) A não utilização da bóia é opção do profissional ou segue a orientação pedagógica da academia?

- Sim
- Não

4) Na sua opinião, em relação ao aprendizado, a bóia:

- Dificulta o desenvolvimento das aulas
- Facilita o desenvolvimento das aulas

Porquê?

5) Sob o aspecto de segurança você se sente mais seguro com a utilização de bóias? Por quê?

- Sim
 Não

6) Com relação aos pais, estes demonstram mais tranquilidade ao matricular seus filhos na escola quando é referido o uso das bóias? Caso não utilize bóia responder questão abaixo 7.

- Sim
 Não

7) Os pais demonstram tranquilidade ao matricular seus filhos na escola quando é referido o não uso das bóias?

- Sim
 Não

8) Você detecta alguns vícios difíceis de serem retirados após utilização da bóia?

- Sim
 Não

Quais: _____

9) Na sua opinião os vícios gerados pela utilização da bóia são levados para as fases seguintes do aprendizado?

- Sim
 Não

Porquê?

10) Você acredita que o aluno que não utiliza a bóia aprende mais rápido?

- Sim
 Não

Porquê?

11) Você detecta movimentos mais corretos:

- Dos alunos que utilizam as bóias
- Dos alunos que não utilizam as bóias

12) Na sua percepção a utilização de bóias facilita ou dificulta os itens abaixo.
Responda F se facilita e com D se dificulta:

- Na braçada
- Na respiração
- Na pernada
- Segurança



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA COMISSÃO DE ÉTICA EM
PESQUISA - CEP UNISUL TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar de um estudo intitulado: **Estudo das vantagens e desvantagens da utilização de bóias em crianças na adaptação ao meio líquido**, que tem como objetivo verificar as vantagens e desvantagens da utilização de bóias em crianças na adaptação ao meio líquido

Sua participação consiste em preencher um questionário com questões do tipo aberta e mistas, voltado aos dados pessoais e características das atividades e instrumentos utilizados para aulas de natação. O tempo para seu preenchimento leva cerca de **10 a 15 minutos**.

Entre os benefícios em participar deste estudo espera-se que com os resultados obtidos sobre os métodos de adaptação praticados nas escolas de natação, ajude a ampliar os estudos junto à comunidade acadêmica para a melhoria das aulas de natação beneficiando a sociedade.

Você tem a livre escolha de participar desta pesquisa e poderá sentir-se a vontade caso queira retirar-se do estudo.

A privacidade da identidade e dos dados coletados será mantida, pois todos participantes da pesquisa serão identificados por um código e só os pesquisadores terão acesso aos seus dados.

Os resultados serão disponibilizados pessoalmente as academias participantes, havendo interesse poderão ser apresentados através de palestras, folders e cópias do trabalho em CD-ROM. Os dados encontrados ficarão de posse do pesquisador por 5 anos, após este período o material digital será deletado e os questionários serão incinerados.

Lembramos que sua participação será voluntária, o que significa que você não poderá ser pago, de nenhuma maneira, por participar desta pesquisa.

Fazem parte desta pesquisa a estudante de graduação do curso de Educação Física e Esporte **Julia Tasca Etchepare** e o professor responsável **Carlos Eduardo Camargo**.

Agradecemos a sua participação e colaboração.

Cordialmente,

Carlos Eduardo Camargo
Professor

Carlos: telefone (48) 9971-3760

Endereço: Rua: Capitão Euclides de Castro, nº 403, apto 104. Coqueiros, CEP: 8008100-010
Florianópolis – SC

Julia: telefone (48) 8463-1279

Endereço: Rua: Bento Goia , nº111 apto 102. Coqueiros, CEP 88080-150, Florianópolis – SC

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre os procedimentos da pesquisa e que recebi de forma clara e objetiva as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos procedimentos de tratamento serão feitas em mim.

Declaro que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____ .

Assinatura _____ Florianópolis, ____/____/____ .

